

**HISTÓRIA, ARTE E PAISAGENS
DO DISTRITO DE BRAGA**

CONCELHO DE VILA VERDE

JUNTA DISTRITAL DE BRAGA
1963



HISTÓRIA, ARTE E PAISAGENS
DO DISTRITO DE BRAGA

Reg 17893

HISTÓRIA, ARTE E PAISAGENS DO DISTRITO DE BRAGA

I - CONCELHO DE VILA VERDE

JUNTA DISTRITAL DE BRAGA
1963

10378



COORDENAÇÃO DE

LEONÍDIO DE ABREU

DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE HERÁLDICA
DO INSTITUTO DE ESTÚDIOS LEONESES, DE MADRID

DESENHOS DE

TERESA ANTELO E DALILA ANTELO

FOTOGRAFIAS DE

JOÃO GUIMARÃES

BREVES PALAVRAS PREAMBULARES

Por força do cargo que exerço na Junta Distrital de Braga, cabe-me escrever algumas palavras de apresentação e justificação no pórtico deste volume dedicado ao concelho de Vila Verde, cujas belezas naturais e cujos valores históricos e arqueológicos nele ficam devidamente arquivados para a posteridade, depois de um minucioso e proficiente trabalho de recolha e estudo.

A par da publicação do seu Boletim, que tão encorajadoramente foi recebido pela crítica e pelo público, através de penhorantes referências e aplausos, pretende a Junta Distrital de Braga reunir em volumes separados, de fácil manuseio e de ampla possibilidade de circulação, todo o valiosíssimo património artístico e cultural dos vários concelhos da nossa região — património ainda tão pouco conhecido ou divulgado, não obstante a sua riqueza e o seu interesse.

O presente opúsculo abre a série dessa obra, que esperamos seja continuada, com firmeza e entusiasmo, para além das responsabilidades dos actuais dirigentes do nosso organismo administrativo. Reconhecemos a sua importância até como elemento de consulta e de orientação para os investigadores e cronistas do futuro e, por isso, desde logo prestamos a esta iniciativa todo o nosso decidido apoio, na medida em que ele se integra numa das estipulações que o Código Administrativo claramente atribui às actividades correntes das juntas distritais.

Não é só, portanto, um mero objectivo de ordem regionalista, aliás bem legítimo, que determina a realização deste empreendimento. Também os aspectos da inventariação, da interpretação e da defesa dessas venerandas reliquias do passado ou dessas formosas e evocativas imagens que a natureza tão pròdigamente criou nas parcelas do distrito de Braga, enriquecendo-o e dando-lhe personalidade própria, foram considerados

em primeiro plano e daí provém, sem dúvida, a maior utilidade e a mais segura oportunidade deste cometimento, que visa salvar da ruína, da dispersão, da ignorância e do olvido um tão grande número de objectos, recordações e atractivos, a que a política do turismo está hoje directamente ligada.

A efectivação e o êxito desta iniciativa devem-se ao senhor Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, Vogal desta Junta Distrital, professor dos Seminários, ilustre membro do Corpo Capitular da Sé Primaz de Braga, escritor e arqueólogo de largo prestígio não só na nossa Arquidiocese como também em todo o País e até no estrangeiro, sobretudo na vizinha Espanha.

Graças ao seu carinho, à sua paciente devoção, à sua excepcional competência, à autoridade de crítico, ao seu infatigável labor de sacerdote virtuoso, que tem gasto a maior parte da vida debruçado sobre os livros antigos ou em peregrinações de apaixonado cultor da história, foi possível levar a cabo a acção cultural de que este volume é — assim o esperamos — um auspicioso testemunho. Outros se lhe seguirão, na mesma linha de pensamento e de execução.

São-lhe, por isso, devidas as nossas homenagens muito sinceras de reconhecimento e admiração extensivas a quantos com ele têm colaborado. Não podíamos encontrar quem mais proba e brilhantemente, esquecido de incómodos e interesses, se consagrasse a esta tão meritória tarefa de lembrar e fixar as grandezas e as belezas de alguns dos mais queridos recantos da nossa Província do Minho.

O Presidente da Junta Distrital de Braga,

FELICÍSSIMO ANTÓNIO DO VALE REGO CAMPOS

BREVE EXPLICAÇÃO

Resolveu a Junta Distrital de Braga, ao abrigo das disposições legais, fazer o inventário das relíquias arqueológicas e históricas, dos monumentos e das belezas naturais existentes nos concelhos da sua jurisdição. Louvável resolução essa que, só por si, bastaria para impor ao conceito geral tão prestimoso Corpo Administrativo e de uma forma especial o autor da proposta, neste caso o seu ilustre presidente, sr. Dr. Felicíssimo Campos.

Para concretizar tão meritória iniciativa, foi, pela natureza do cargo, designado o Vogal sr. Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, que alia, à sua vasta erudição, as mais notáveis qualidades de investigador activo e consciencioso.

Traçado o plano da obra, recebemos, então, do ilustre sacerdote, o encargo, sobremaneira honroso para nós, de dar cumprimento à deliberação da Junta, no tocante ao concelho de Vila Verde. Tratava-se de uma região que há muito conhecíamos e até da qual já nos tínhamos ocupado em trabalhos similares, embora de proporções menos avantajadas.

Do desempenho dessa missão — nem sempre isenta de dificuldades, devido, em grande parte, a extensas e extenuantes caminhadas, algumas delas em vão — dá-se agora conta através das páginas deste volume.

Frisemos, porém, que, em consequência de os elementos recolhidos serem em número superior à capacidade do livro,

houve que se fazer uma selecção, escolhendo-se, como não podia deixar de ser, simplesmente o que de mais sugestivo e de maior acessibilidade à observação dos curiosos se encontrasse nas cinquenta e oito freguesias do concelho, todas para o efeito percorridas.

Como se verá, foi da visita aos templos que resultou a maior parte da documentação artística deste trabalho. Realmente, neste particular, sobretudo em obras de talha, Vila Verde possui um património valiosíssimo de que muito se orgulha.

Para rematar, diremos que desejamos em tudo corresponder à confiança que em nós deposita a Junta Distrital de Braga. É claro que algumas falhas se encontrarão, e até vultuosas, não obstante todo o esforço em contrário. Sirvam elas, ao menos, de base para um futuro trabalho que outrem, com mais possibilidades do que nós, venha um dia a apresentar. E Vila Verde bem o merece.

Braga, 21 de Março de 1963.

LEONIDIO DE ABREU



O CONCELHO DE VILA VERDE

Quem de Braga se dirija à fronteira, utilizando, para isso, a estrada nacional que finda em Monção, encontra, decorridos oito quilómetros e passada que seja a ponte do rio Homem, o concelho de Vila Verde, que os roteiros apontam como dos mais pitorescos da província do Minho. De facto, assim deve ser considerado, embora outros qualificativos se lhe possam ajustar, sem, contudo, pretenderem sobrepor-se ou, pelo menos, comparar-se às características que estruturalmente apresenta, com todas as actividades inerentes a esta condição e às belezas naturais que encerra e que muito o valorizam. Basta isto, portanto, para justificar tal designação que nós igualmente perfilhamos. Que, de resto — poucos o ignoram — Vila Verde é um concelho relativamente moderno. A sua idade, podemos dizê-lo sem rodeios, ainda se harmoniza perfeitamente com o expressivo nome que lhe deram logo à nascença. É que um século nada representa na existência de um povo e, por vezes, menos ainda na sua própria formação. Daí, Vila Verde ser um concelho sem história — que só agora, na melhor das hipóteses, começa a fazer-se. Isto, porém, não significa que não haja em Vila Verde coisas de interesse histórico nem impede que dele nos ocupemos, sabido que nem só o passado nos deve preocupar. Para tal, havemos de convir, pois, em que o seu presente é de molde a despertar a atenção de todos aqueles para quem as coisas do espírito não passam de simples e vaga expressão de retórica. Embora, diga-se em abono da verdade, esse presente seja feito como que de retalhos buscados aqui e além, mas que formam um todo homogéneo, interessante, gracioso mesmo. Eis porque se impõem algumas palavras mais,

para ajudar os menos esclarecidos a conhecerem melhor Vila Verde.

Este concelho, em território um dos maiores não só do distrito de Braga mas da província do Minho, foi criado em 24 de Outubro de 1855. Organizaram-no à custa de outros extintos anteriormente ou na mesma data: Aboim d'Anóbrega, Pico de Regalados, Vila Chã e Larim, Penela e Prado, cujas origens remontavam já a nebulosos tempos da Pré-História e da Idade Média.

Agora, algumas notas sobre estes extintos concelhos, de onde transitaram, portanto, para o de Vila Verde todas as tradições que, reunidas ao longo dos séculos, esmaltavam os seus pergaminhos. A velha terra de *Anóbrega*, após a formação do município de Ponte da Barca, ficou reduzida a um pequeno concelho, com a sede em Aboim, que em 1853 foi incorporado no de Regalados e dois anos depois no de Vila Verde. *Pico de Regalados*, primitivamente um couto dado por D. Afonso Henriques ao Arcebispo de Braga D. Paio Mendes, foi tido como dos mais antigos e aristocráticos concelhos do País. Nas «Inquirições» de 1258, mandadas fazer por D. Afonso III, já o «Julgado» de Regalados era composto por vinte freguesias. D. Manuel I concedeu-lhe foral em 13 de Novembro de 1513. Deles foram donatários os Abreus, que ali tiveram residência própria. *Vila Chã*, cujo primeiro foral lhe foi concedido por D. Afonso III, teve a sua primitiva sede no lugar do mesmo nome da actual freguesia de Carreiras (Sant'Iago). Mais tarde, mudou a sua sede para o lugar da Revenda, da freguesia de Travaços, transitando depois disso para S. Paio de Vila Verde. Teve como último donatário a Casa de Bragança.

Como, a partir do Século XVIII, o concelho de Larim lhe tivesse sido anexado, passou a chamar-se de Vila Chã e Larim, designação esta que conservou até à sua extinção. *Penela*, também conhecido por *Portela de Penela ou Portela das Cabras*, teve a sua sede na freguesia desse nome. D. Manuel I mandou-lhe passar foral em 6 de Outubro de 1514. A Casa de Bragança foi sua donatária. *Prado*, que, nos primeiros tempos da sua existência, algumas vezes assistiu à passagem das legiões romanas, só no Século XII nos aparece como realidade histórica para no seguinte receber reconhecimento dos poderes públicos através do foral que D. Afonso III lhe concedeu em 1260 e que D. Manuel I lhe havia de confirmar em 1510. Entre os seus donatários figuravam os Condes de Prado, título criado no século XVI, sendo 1.º conde D. Pedro de Évora, descendente de D. Afonso III.

Convém, todavia, dizer que a criação do concelho de Vila Verde não obedeceu, propriamente, a razões de ordem económica ou geográfica, mas sim políticas, ao tempo em que Rodrigo de Fonseca Magalhães era Ministro do Reino.

Apontemos, agora, em breves palavras a sua importância económica.

Vila Verde é um concelho essencialmente agrícola, para cuja fertilização contribuem, de maneira decisiva, os muitos cursos de água que em todas as direcções o atravessam. Basta-se a si próprio e o excedente de produção é exportado para outras localidades do norte do País. À actividade agrícola anda ligada a exploração pecuária, pelo que uma e outra marcam lugar de relevo na economia regional.

A parte industrial é muito reduzida, pois a de maior valia, e, sem dúvida, a mais importante do ponto de vista local, é hoje a olaria grosseira embora, no género, de bastante nomeada em toda a província do Minho.

Diremos, ainda, tratar-se de uma região que pelas suas invejáveis condições naturais e privilegiadas, oferece deslumbrantes e magníficos panoramas, alguns dos quais abrangendo léguas em redor. Tantos são os pontos de onde os podemos admirar que difficilmente os enumeraríamos, se tal tentássemos.

Servido, de há muito, por uma razoável rede de estradas, que o atravessam em todos os quadrantes, enquanto outras se rasgam para igualmente cruzarem vales ubérrimos ou galgarem ásperas montanhas, largo seria o futuro deste concelho se a indústria do turismo nele viesse a desenvolver-se como merece.

Vila Verde compõe-se das seguintes freguesias, sobre as quais revelaremos alguns dos seus mais sugestivos aspectos artísticos e etnográficos:

Aboim d'Anóbrega, Arcozelo, Atães, Ateães, Azões, Barbudo, Barros, Cabanelas, Carreiras (S. Miguel), Carreiras (Sant'Iago), Cervães, Codesseda, Coucieiro, Cova, Dossãos, Duas Igrejas, Escariz (S. Mamede), Escariz (S. Martinho), Esqueiros, Freiriz, Geme, Goães, Godinhaços, Gomide, Gondiães, Gondomar, Laje, Lanhas, Loureira, Marrancos, Mós, Moure, Nevogilde, Oleiros, Oriz (Santa Marinha), Oriz (S. Miguel), Parada de Gatim, Paçô, Pedregais, Penascais, Pico de Regalados (S. Cristóvão), Pico de Regalados (S. Paio), Ponte, Portela das Cabras, Prado (Santa Maria), Prado (S. Miguel), Rio Mau, Sabariz, Sande, Soutelo, Travaços, Turiz, Valbom (S. Martinho), Valbom (S. Pedro), Valdreu, Valões, Vilarinho e Vila Verde.

ABOIM D'ANÓBREGA

É, por sua antiguidade e tradições que a rodeiam, das mais afamadas, embora, talvez, das menos conhecidas do concelho. Esta circunstância resulta de o seu acesso ser ainda hoje pouco praticável, não obstante a estrada que a ligará à Portela do Vade já se desenrolar, em parte, ao longo da ribeira de Aboim.

Situada entre altaneiros montes cobertos, quase no todo, de pujante vegetação, esta freguesia é — por seus usos e costumes que a envolvem e que vêm de muitos séculos; magníficos horizontes que se descobrem lá das cumeadas que a cercam; negrume do casario feito de pedra solta ou de pretensiosa aparelhagem a contrastar com edificações de linhas mais recentes; alminhas e cruzeiros a atestarem a fé da sua gente; velhos caminhos pavimentados de puídas lajes; azenhas seculares em labor contínuo — de um pitoresco revestido de particular interesse.

Da invocação de Nossa Senhora da Assunção, foi primitivamente um couto que teve como donatário D. João de Aboim; e, mais tarde, cabeça de um vasto



concelho extinto em 1853. Passou, então, para o concelho do Pico de Regalados e, decorridos dois anos, devido à extinção deste, foi incorporado no de Vila Verde, de cuja sede dista dezasseis quilómetros.

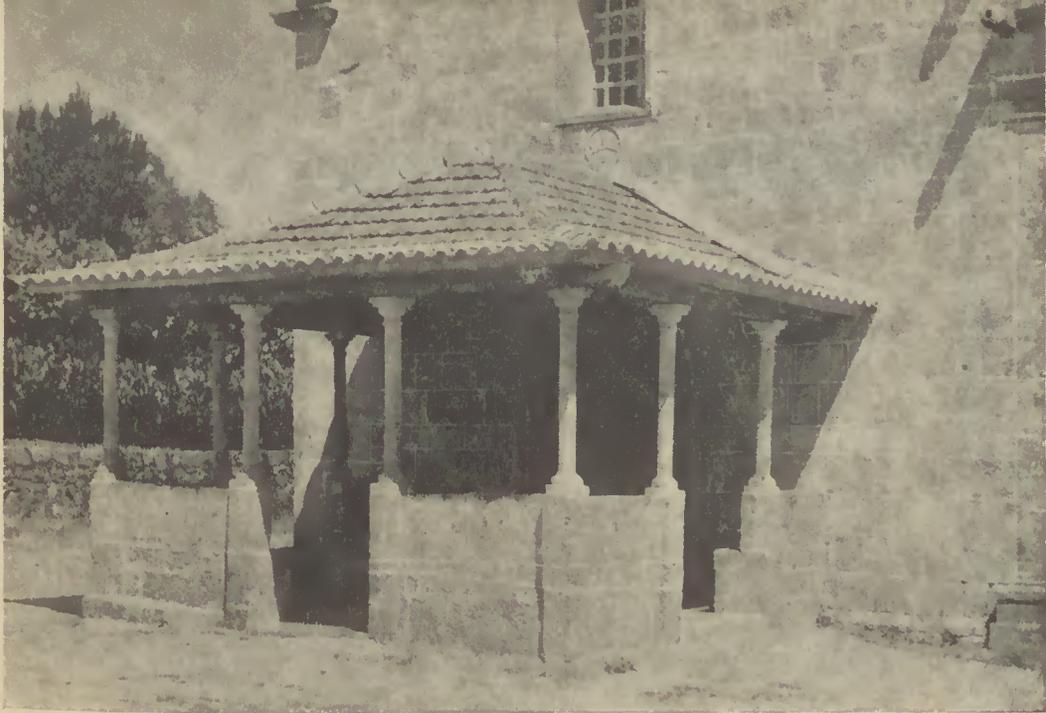
Em Aboim d'Anóbrega nasceu João Soares Vives, capitão-mor das naus da Índia, a quem Filipe IV de Espanha concedeu o título de Conde d'Anóbrega.



Porta decorada da Casa do Picão, uma das mais artísticas de Aboim d'Anóbrega



Alminhas da Fonte, no caminho de Gondomar

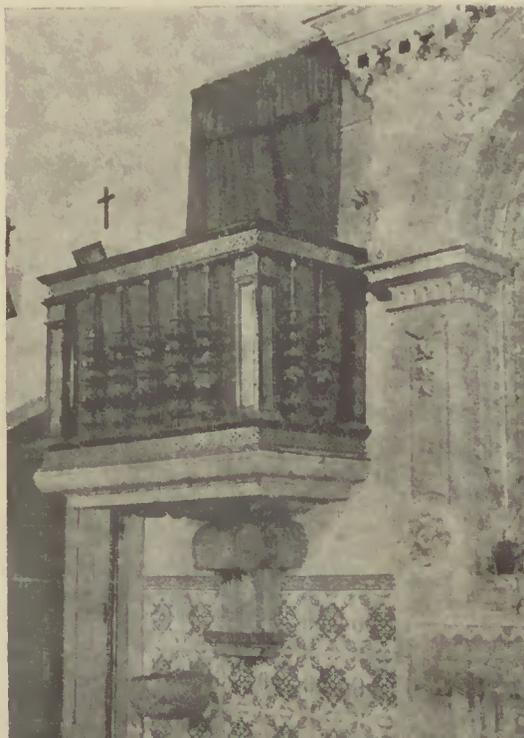


Em cima:

*A entrada principal e o «scabido»
da matriz de Aboim d'Anóbrega.*

À direita:

*O púlpito do mesmo templo. Tem
a data de 1690.*





A padroeira de Aboim d'Anóbrega, Nossa Senhora da Assunção, da qual o Santuário Mariano diz que «era tão grande a devoção que lhe tinham os fidalgos senhores do Castelo e Vila d'Anóbrega que por devoção da mesma Senhora tomaram dela o apelido de Aboim».



Azenhas entre giestas.



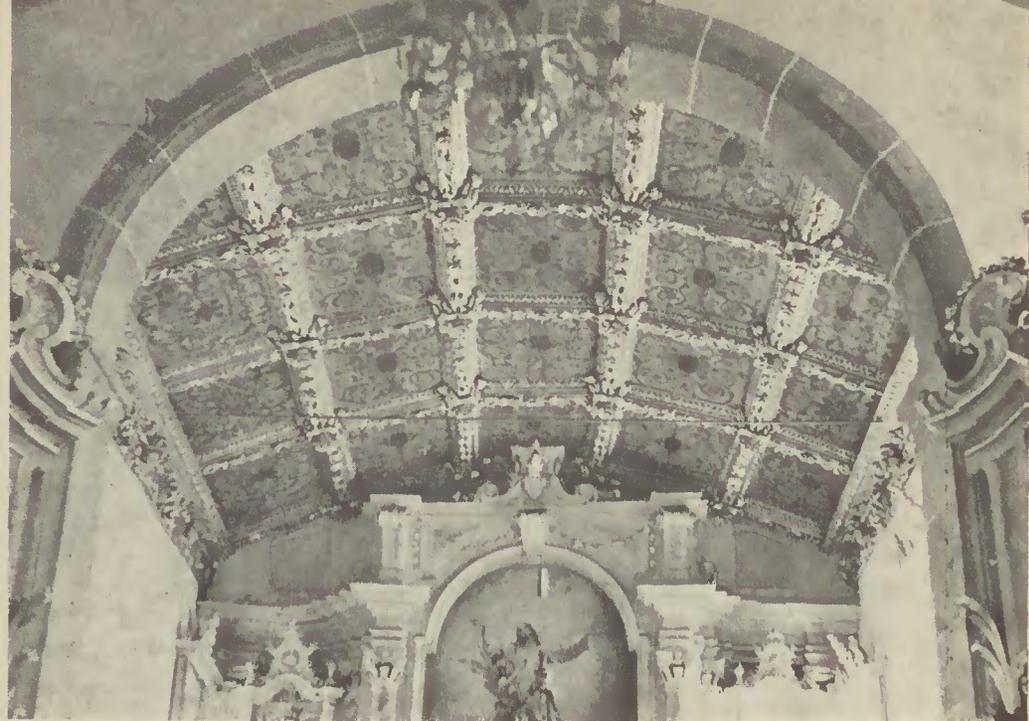
O cruzeiro do largo da igreja



Espigueiro com a porta decorada de motivos patrióticos e religiosos



Azenha com cobertura de lajes



Era românica a igreja matriz de Aboim d'Anóbrega. No entanto, as reformas por que passou no decorrer dos séculos alteraram-lhe por completo a primitiva traça.

Últimamente, foi consideravelmente beneficiada, com obras de restauro e consolidação, incluindo mesmo os magníficos tectos apainelados, dos mais belos e artísticos do Norte do País. Em talha dourada, primorosamente trabalhada, enquadram admiráveis pinturas alusivas ao «Magnificat» do qual se destacam os próprios versículos.

Nesta página reproduz-se o tecto da capela-mor e na seguinte o da nave.





N. S. da Alegria. Na capela de S. João de Padornelo

ARCOZELO

O seu padroeiro é Sant'Iago. Dista quinze quilómetros da sede do concelho. Beneficiou do foral de Penela, mandado passar por D. Manuel I em 1514. O rio Neiva passa-lhe ao pé.

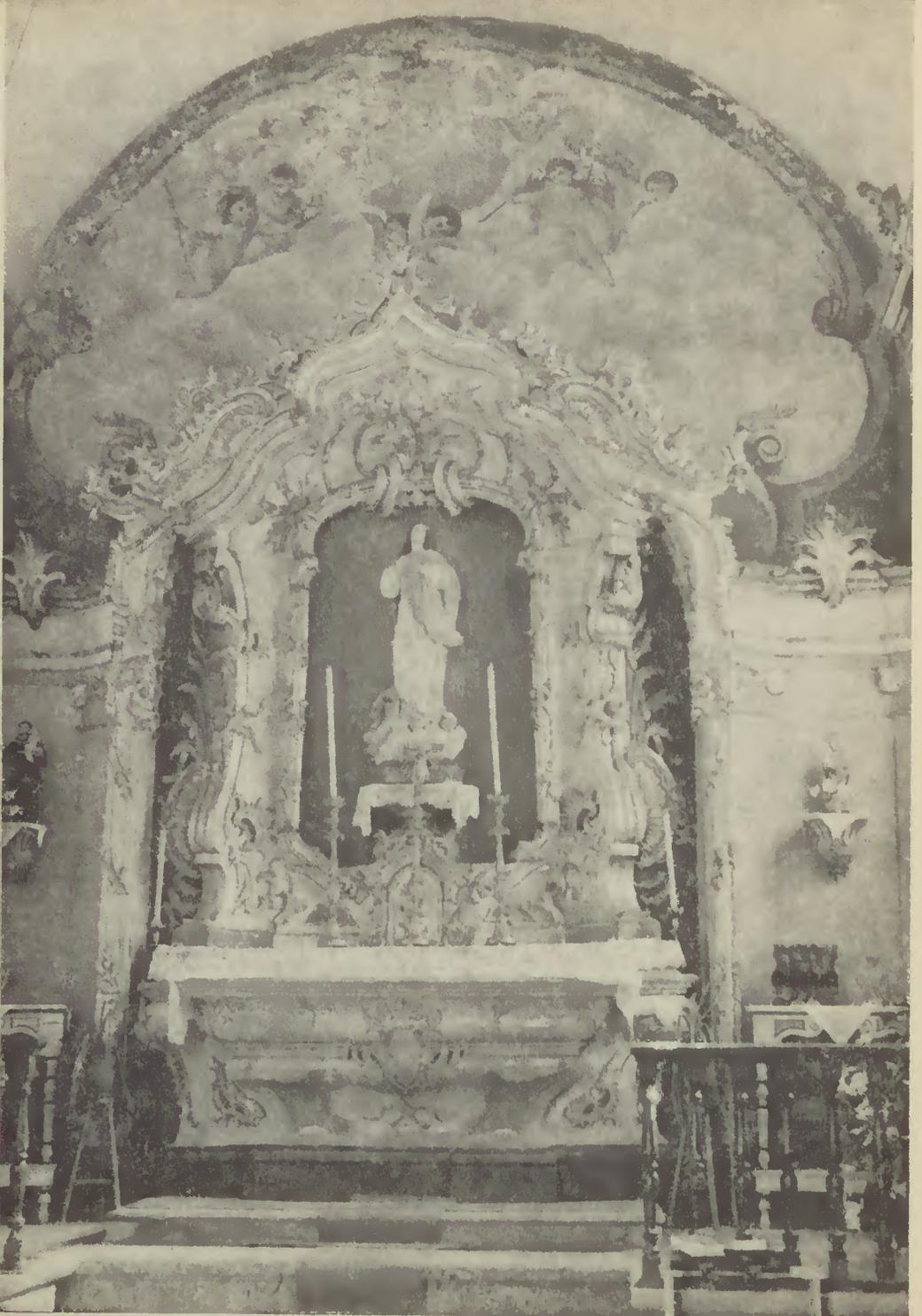


As seculares alminhas de Lousa constituem, ainda hoje, motivo de particular devoção da gente de Arcozelo

*A Casa dos
Barbosas é das
mais antigas de
Arcozelo.*

*A capela data
do Séc. XVIII.*





ATÃES

Situada a dez quilómetros da sede do concelho, é dedicada a S. João Evangelista. Em tempo, foi vigairaria anexa a S. Miguel de Prado e pertenceu ao concelho do Pico de Regalados. Afirma-se que D. António Prior do Crato, na fuga para o Estrangeiro, após a derrota de Alcântara, esteve escondido na antiga Casa do Paço. A Atães pertence, civilmente, o lugar da Portela do Vade, desde 20 de Outubro de 1926 sede de uma paróquia eclesiástica.



A Virgem e o Menino (Séc. XVI), na igreja paroquial de Atães



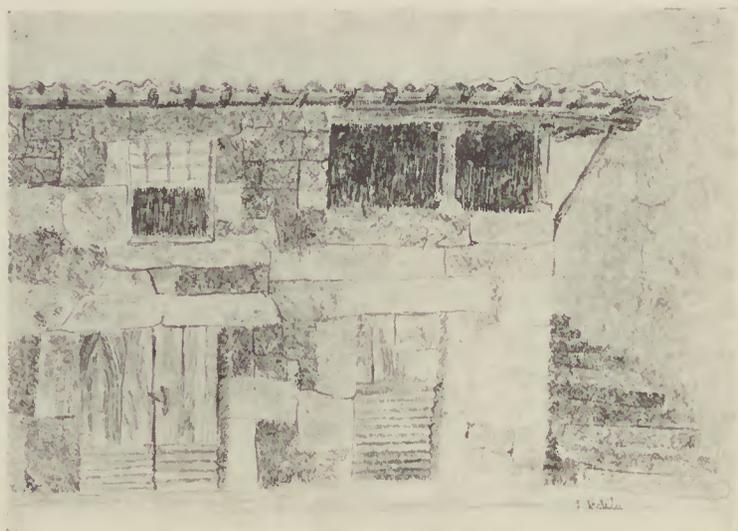
Imagem de Cristo-Rei, na igreja paroquial. É única em todo o concelho



*Nossa Senhora das Dores (Séc. XVIII),
na matriz da Portela do Vade*



*Custódia-cáliz, naveta e cruz paroquial
de Atães. Princípios do Séc. XIX*



Tipo de antigas casas da Portela do Vade

ATEÃES

Pertenceu ao concelho de Prado até 1855. Já foi vigairaria da apresentação do Cabido Bracarense, passando, mais tarde, a reitoria.

Tem como orago Sant'Iago e encontra-se a dez quilómetros da sede do concelho.



*Imagem do Sagrado Coração de Maria,
na igreja paroquial*



*O cruzeiro de Atães, datado de 1618,
é dos mais antigos do concelho*



*O portal da Quinta da Botica é um curioso exemplar quinhentista.
Está datado de 1526*

AZÕES

Encontra-se a quinze quilómetros da sede do concelho e está situada, em grande parte, no sopé do monte da Ventosa. Tem por orago S. Paio. Foi outrora conhecida por *S. Paio de Vila Nova* e *S. Paio de Cegões*. Até 1855, pertenceu ao extinto concelho de Penela, passando, então, para o de Vila Verde.

Os moradores do lugar de Sobradelo pertenciam, antigamente, sob o ponto de vista eclesiástico, um ano à freguesia de Azões e outro à de Duas Igrejas.

Foi nesta freguesia que, após o seu casamento e antes de receber a Comenda das Duas Igrejas, viveu, na Quinta da Torre, o insigne poeta Sá de Miranda.



Oratório que foi da família Falcão Cota, de Braga, e que pertence, actualmente, a Mons. Manuel Mosquera, pároco de Azões.



Imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso na capela de S. Miguel-o-Anjo. Os mareantes têm por ela grande devoção.

BARBUDO



*Estátua na Quinta
do Sol*

Está situada a quilómetro e meio da sede do concelho e é dedicada ao Divino Salvador. Orgulha-se de ter sido berço, se a tradição não falha, de D. Paio Guterres da Silva, maiorino do Condado Portucaleense, por delegação de Afonso VI de Leão, e alcaide do castelo de Leiria; e de Frei Martim Anes de Barbudo, Mestre da antiga Ordem de Cavalaria de Alcântara, morto em luta com os sarracenos nas cercanias de Granada. Também aqui nasceu o Doutor Álvaro Machado Vilela, eminente professor da Universidade de Coimbra e Juiz do Tribunal Internacional do Egipto.

Outrora, teria sido couto, cujo senhorio pertenceu ao opulento fidalgo D. Gonçalo Pires de Belmir, por dote que sua mulher recebera em casamento. Mais tarde, foi do concelho de Vila Chã e nele se conservou até à criação do de Vila Verde, em 1855. Há mais de duzentos anos que está anexa a Parada, formando, assim, a freguesia de Parada e Barbudo. Foi defendida, em tempos já bem remotos, por uma fortaleza situada no alto do monte de Brito. Ali floresceu um grande povoado castrejo.

O monte de Brito visto da estrada de Nevogilde ↓





Capela do Bom-Jesus do Ribeiro, fundada ou reconstruída em 1677. Nela se encontram sepultados alguns membros da família Rebelos de Magalhães



Brasão da capela da Quinta do Sol



Imagem de Nossa Senhora do Rosário. Na paróquia de Barbudo (Séc. XVI)

BARROS

Antes de fazer parte do concelho de Vila Verde, pertenceu aos de Aboim d'Anóbrega e do Pico de Regalados. Tem como padroeiro o proto-mártir Santo Estêvão. Em tempos idos, era o reitor de Coucieiro quem apresentava o respectivo vigário.

A tradição pretende fazer-nos crer que foi aqui o solar dos Barros.



Nicho do padroeiro existente nas traseiras da capla-mor



*Altar-mor da igreja paroquial.
Talhu do Séc. XVII*

CABANELAS

É dedicada a Santa Eulália e está situada na margem direita do rio Cávado. Foi, em tempos idos, abadia do Padroado Real. Teve, depois, como donatários os Condes de Prado que apresentavam o respectivo abade. Até 1855, pertenceu ao extinto concelho de Prado.



É um centro cerâmico de grande importância económica, mas as suas produções quase se limitam a cântaros, talhas e alguidares, cuja exportação se faz em larga escala para muitos mercados do Norte do País.

Cabanelas dista doze quilómetros da sede do concelho.

Entre os lugares de maior nomeada, figura o de S. Gens de Macarome, até 1855 sede de uma freguesia pertencente ao extinto concelho de Prado. Nas suas *Memórias para a história da Arquidiocese de Braga*, o P.^o Contador de Argote recolhe a versão, sem contudo lhe dar crédito, de haver quem pretenda identificar este lugar com a primitiva povoação de Prado. Parece, no entanto, que essa versão algum fundamento apresenta, por se supor que a antiga via militar romana de Braga e Astorga, por Valença e Tui, atravessava o rio Cávado a jusante da actual ponte de Prado.

Sendo assim, logo em frente, isto é, já em terrenos da actual freguesia de Cabanelas, onde se integra S. Gens de Macarome, teria início a primitiva povoação, sem dúvida de fundação romana.



Capela e cruzeiro de S. Gens de Macarome



*Nossa Senhora do Rosário
na igreja matriz*



Lavabo na igreja matriz

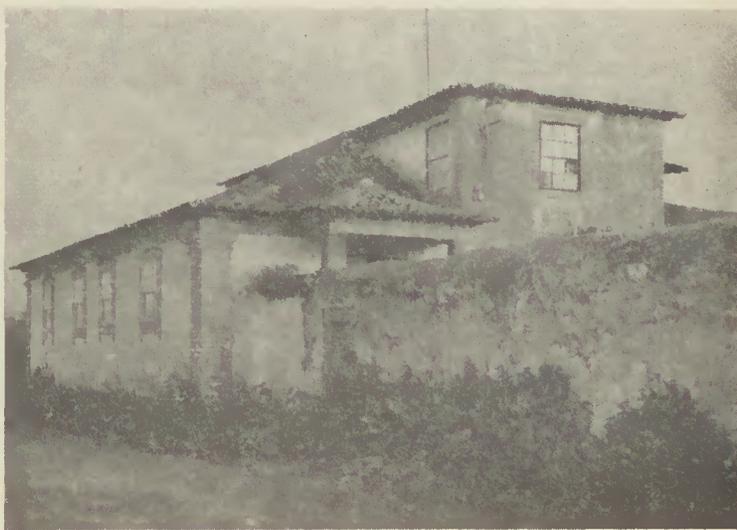


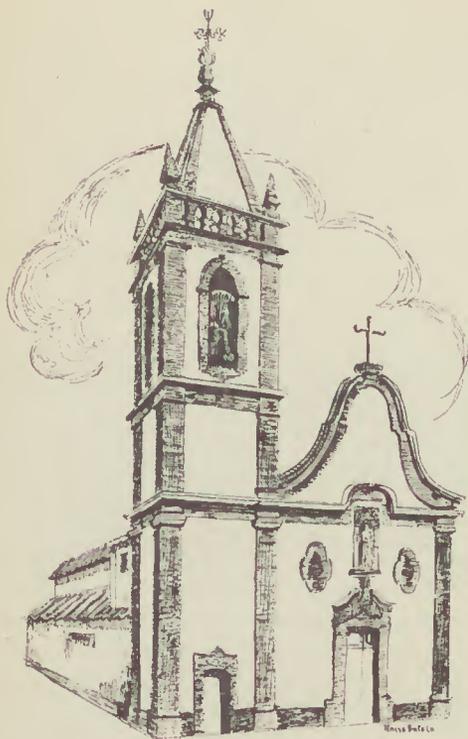
Fonte da Carranca. Está datada de 1741



Cruzeiro da Matriz, provavelmente o mais antigo do concelho de Vila Verde. É de 1614

A residência paroquial de Cabanelas é uma elegante construção do Séc. XVIII .





*Fachada da igreja matriz, reconstruída
em 1784*



Patamar da residência paroquial

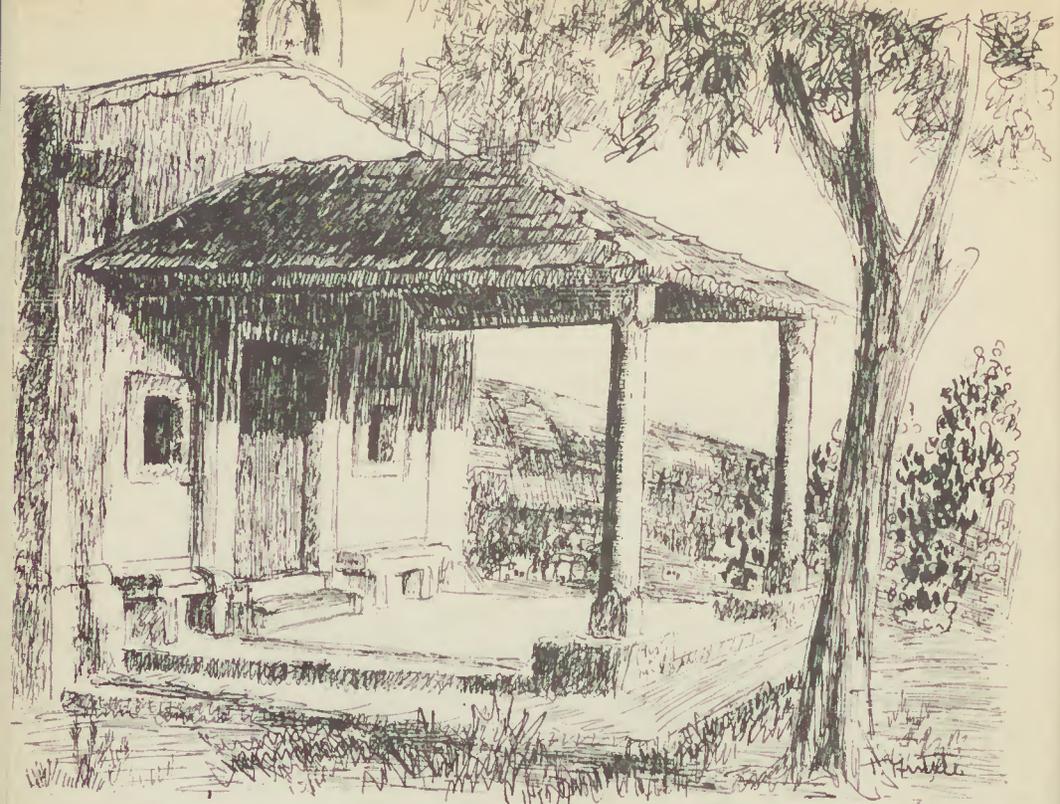
CARREIRAS (S. MIGUEL)

Parece que, outrora, o território desta freguesia fez parte do couto de Penegate. Mais tarde, porém, reorganizada a paróquia sob a invocação de S. Miguel, foi abadia da apresentação do Ordinário no extinto concelho de Vila Chã. Pertenceu às comarcas de Barcelos e do Pico de Regalados.

Dista doze quilómetros da sede do concelho. Presentemente, estão a ser estudados meios fáceis de acesso ao centro da freguesia, pois os existentes são precários.



Pormenor do altar de S. Miguel, na igreja matriz. Repare-se nas figuras cheias de simbolismo, embora toscamente executadas (Século XVII)

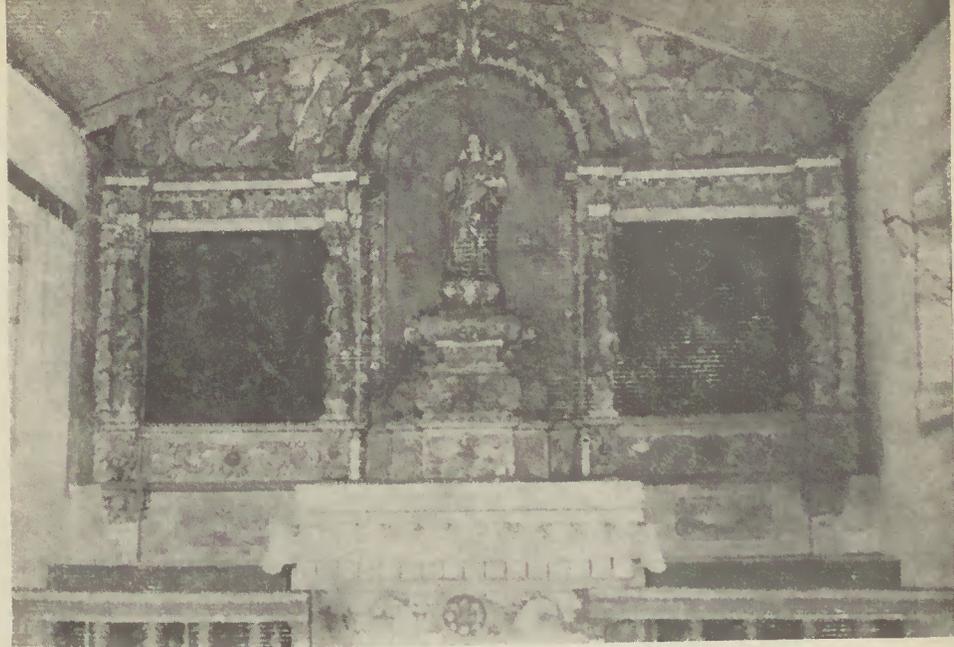


Entrada e alpendre da capela de Nossa Senhora da Pena

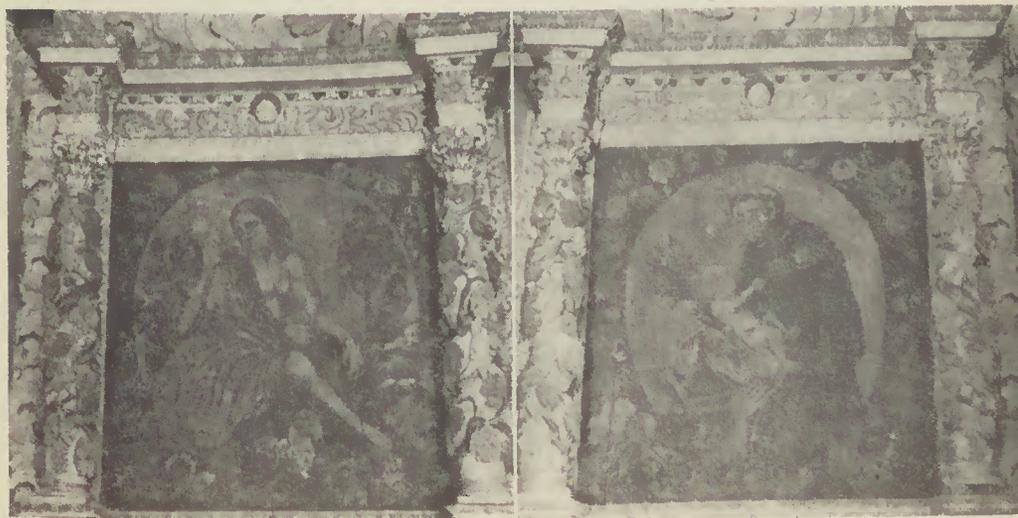
Segundo uma inscrição existente na parede do lado do Norte, este pequenino templo foi dedicado por Miguel Valadares, Cónego Magistral de Guimarães e Desembargador de Braga, à Virgem, no ano de 1617.

Seu irmão, o Padre António Valadares, abade de Rio Mau, encabeçou nesta capela um vínculo instituído por testamento de 4 de Fevereiro de 1667. Dois anos depois, falecia.

A capela de Nossa Senhora da Pena foi um grande centro de devoção mariana. Por determinação do Arcebispo Primaz D. Rodrigo de Moura Teles, passou a substituir, em 1706, a ermida da Senhora das Areias, em Darque, Viana do Castelo, junto da qual iam em Agosto os habitantes de Carreias (S. Miguel e Sant'Iago) e Freiriz, em clamor.



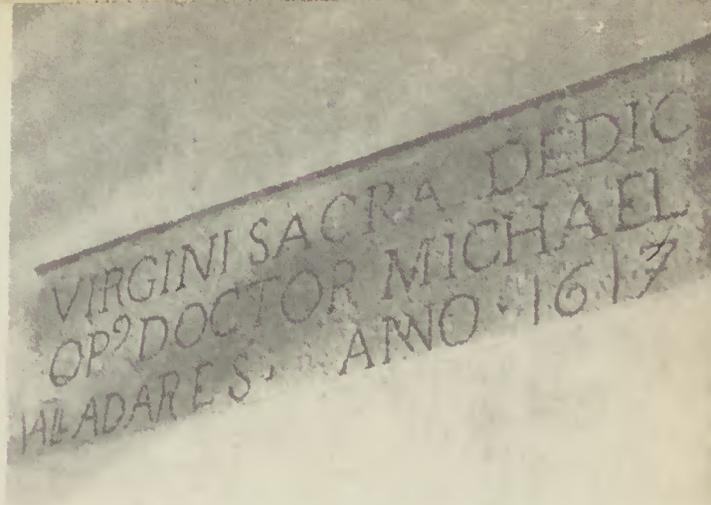
Interior da capela de Nossa Senhora da Pena



Painel de S. João

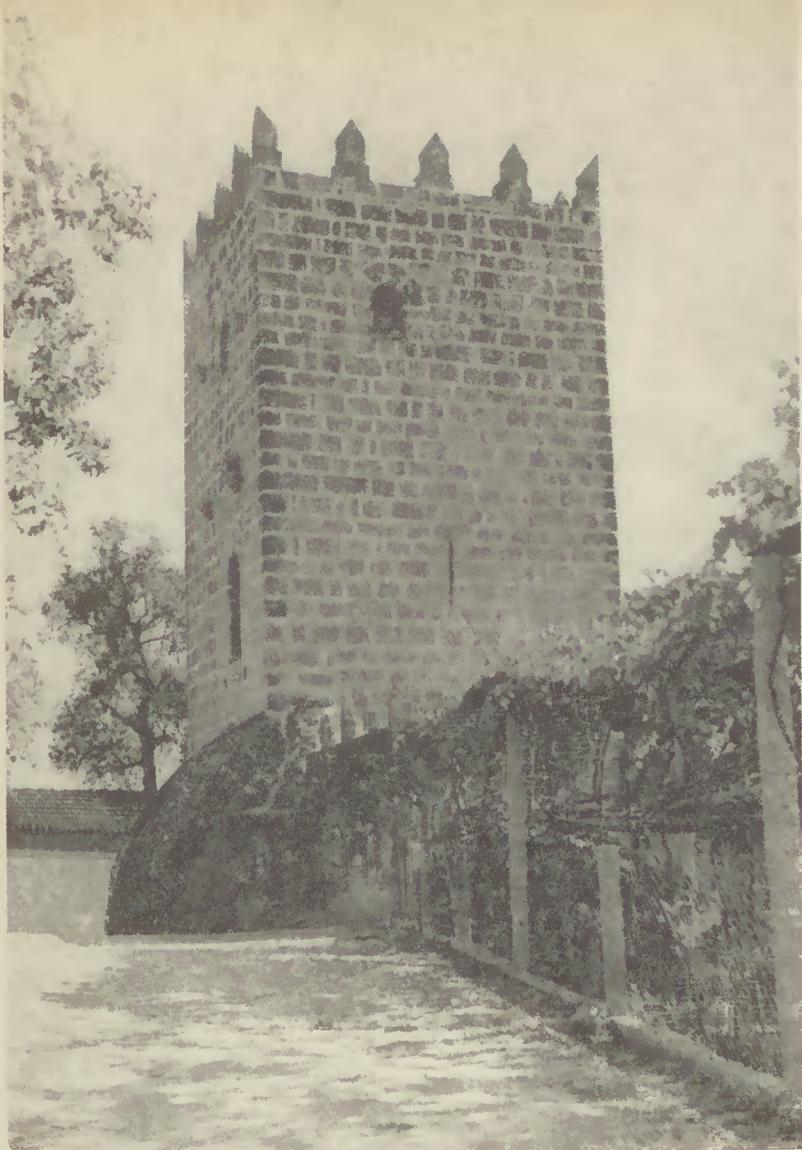
Painel de Santo António

*Inscrição sobre
a dedicação da
capela da Pena*



*O Dr. Miguel Valadares, fale-
cido em 1668, jaz na capela de
Nossa Senhora da Pena —→*





Torre de Penegate



*Uma imagem da
Virgem parece
guardar a pró-
pria torre de Pene-
gate*

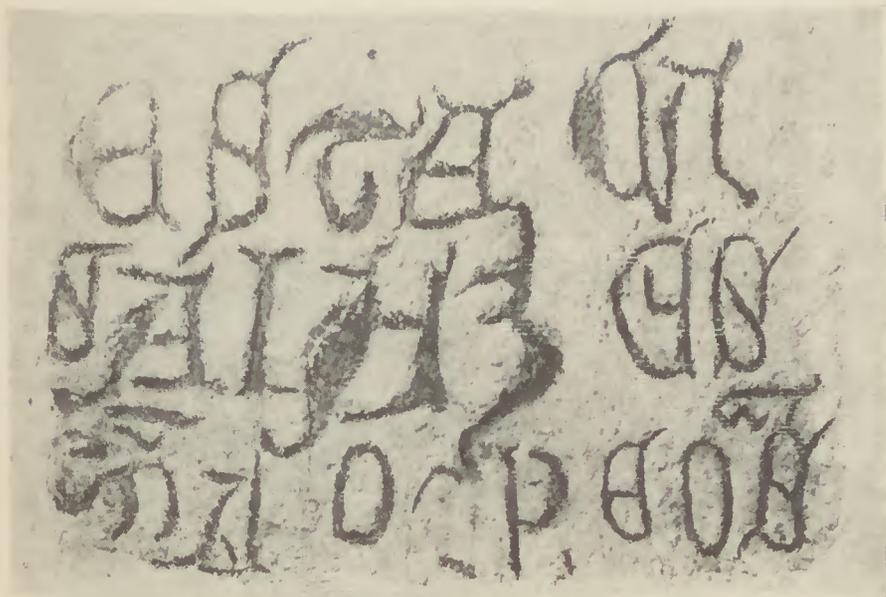
*As faces vol-
tadas ao Norte
e ao Poente da
torre de Pene-
gate ———→*

A primeira torre de Penegate foi fundada por D. Egas Pais de Penegate, valido do Conde D. Henrique, para defesa da sua pessoa e do couto que lhe pertencia. Reconstruiu-a Mem Rodrigues de Vasconcelos, nobre senhor a quem D. Dinis fez mercê da alcaidaria-mor de Guimarães.

É um curioso espécime medieval que, não obstante as vicissitudes que atravessara, chegou aos nossos dias como se para evocar um passado distante, possivelmente o em que se pôde formar a Pátria Portuguesa.

De junto das suas ameias, desfruta-se vasto e formoso panorama na extensão de muitos quilómetros.





A inscrição na torre de Penegate

CARREIRAS (SANT'IAGO)

É de supor ter pertencido, juntamente com a anterior, a um só e mesmo couto. Pelo menos, é o que se parece deprender do foral passado a Vila Chã em 6 de Outubro de 1514. Foram sempre, não obstante, duas freguesias distintas.

Foi abadia do Ordinário e conservou-se no concelho de Vila Chã até à criação do de Vila Verde, de cuja sede dista pouco mais de oito quilómetros.

No lugar de Vila Chã, foi a primeira sede do concelho deste nome.

*A Imagem do Imaculado Coração
de Maria, na igreja matriz —→*



CERVÃES

Metade desta freguesia fez parte do antigo couto de Cervães e o restante era abadia simples de apresentação do Arcebispo de Braga. O couto compreendia também a freguesia de S. Mamede de Escariz e metade da de S. Vicente de Areias, esta, actualmente, do concelho de Barcelos. Por tal motivo, era, também, conhecido por couto de *Vilar de Areias*.

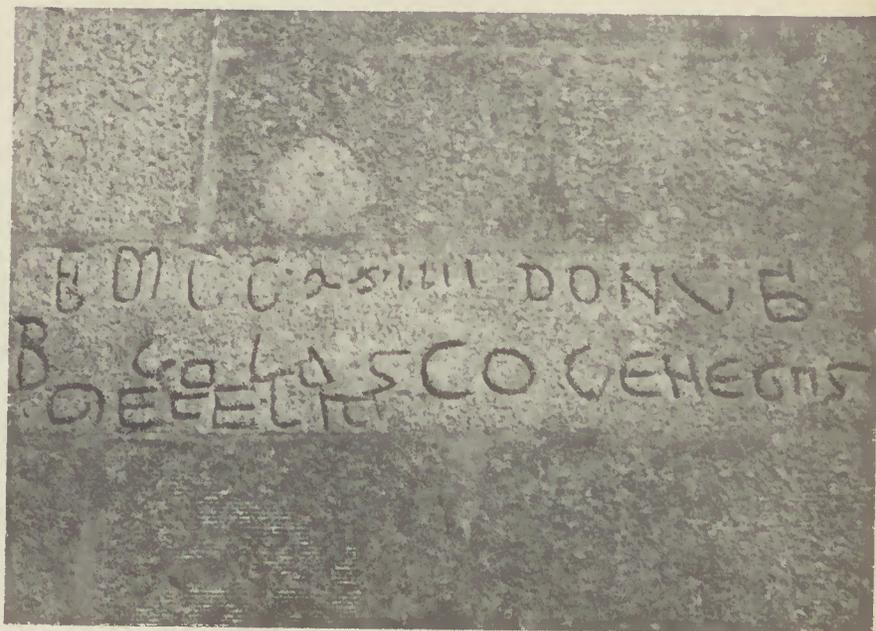
Tendo como donatário o Arcebispo de Braga, gozava de grandes privilégios, entre os quais o de aos seus criminosos se não poder aplicar a pena de morte, embora houvessem cometido as maiores atrocidades.

O juiz de Prado, concelho ao qual então pertencia, só entrava nele com vara alçada para tratar de assuntos de sisa real.

Na sua administração intervinham, além de um juiz ordinário do cível, crime e órfãos, vereadores, procurador e meirinho, tudo de eleição trienal do povo; escrivão e ouvidor, este em representação do Arcebispo; e ainda uma companhia de Ordenanças.

A freguesia, dedicada ao Divino Salvador, dista catorze quilómetros da sede do concelho.

Entre as suas indústrias, figura, em lugar de relevo, a de cerâmica, embora quase limitada à produção de tijolos, telha e cântaros. A exportação destes produtos é feita, em larga escala, para muitos concelhos do País, especialmente do Norte.

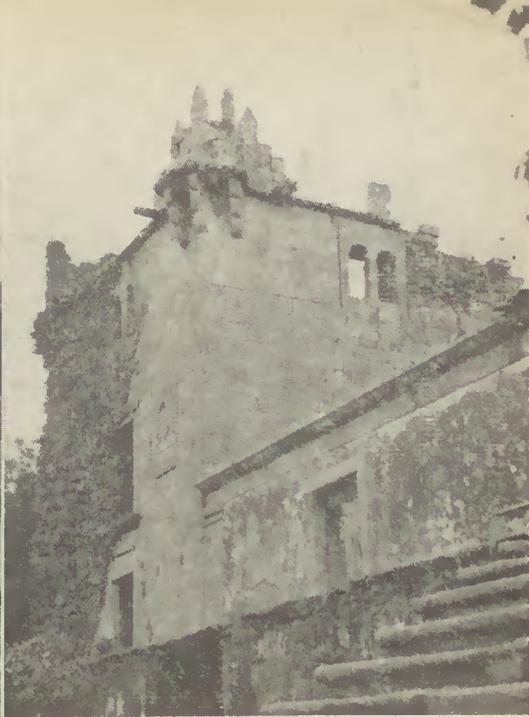


Embora não revele a antiguidade que se lhe atribui, diz-se que a igreja matriz pertenceu a um convento fundado por S. Martinho de Dume que nele habitara temporariamente. E isso é confirmado pelo *refecit*, reconstruiu, em 1186 (?), da inscrição. Depois disso, passou aos Templários, na posse dos quais se conservou até à extinção da respectiva Ordem em Portugal.

Na fachada principal encontra-se a inscrição acima reproduzida, alusiva à reconstrução da igreja por D. Vasco Viegas, talvez, no ano de 1186.



Cruzeiro de Cervães, considerado imóvel de interesse público



Ruínas da torre e casa de Gomariz

Um dos maiores títulos de orgulho da freguesia de Cervães é o grandioso santuário do Bom Despacho.

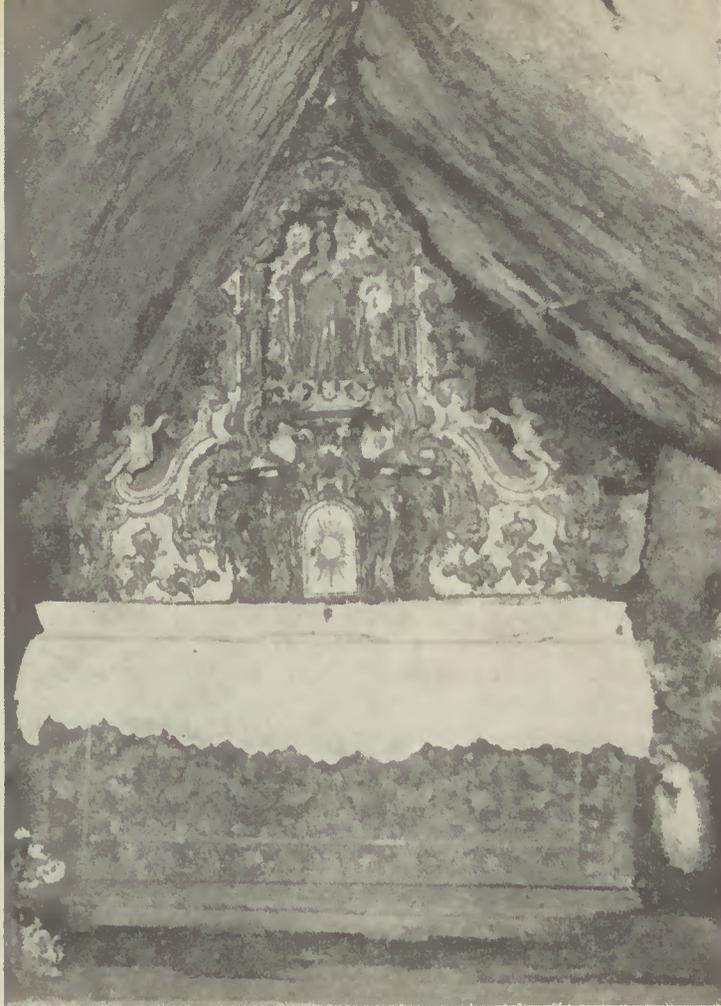
Foi fundado, à custa de esmolas, pelo ermitão João da Cruz, natural de Monção, em cumprimento de um voto que fizera à Virgem por Deus lhe haver restituído a saúde sèriamente comprometida.

A iniciativa de João da Cruz encontrou muitos detractores que, a despeito de tudo, não lhe conseguiram abalar o entusiasmo e muito menos a fé.



A igreja do Bom Despacho, datada de 1640





Cervães — *Altar-mor do santuário do Bom Despacho*

O altar dedicado à Virgem tem a particularidade de ficar entre duas enormes fragas que lhe dão o aspecto de gruta.

Sobre a igreja do Bom Despacho, diz o *Santuário Mariano*: «A esta casa e a esta mesma Senhora buscavam os generais e neles faziam suas mulheres novenas pelos bons sucessos de seus maridos nas armas que governavam naquela província».



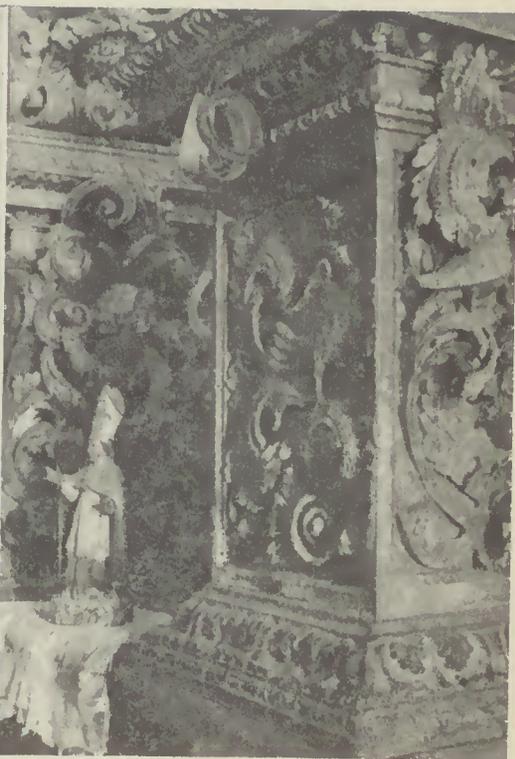
Altar de Santo António



Altar de S. José



Altar da Apresentação da Virgem



Pormenor da talha da tribuna



As montanhas do Bom-Jesus, Sameiro e Falperra barram para o Sul o extenso panorama que se divisa do Bom Despacho

CODESSEDA



Pormenor da custódia paroquial

A freguesia de Codesseda depende, eclesiásticamente, do Arciprestado de Ponte da Barca.

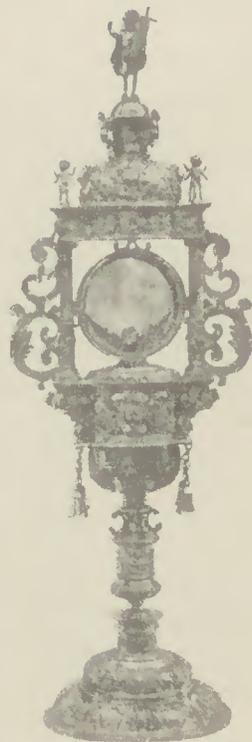
Tem por orago S. Pedro, cuja imagem é muito venerada pelas gentes da localidade e das redondezas.

Em tempos, foi couro do mosteiro beneditino de Rendufe, com justiças próprias nomeadas pelo Dom Abade daquele instituto monástico.

Até 1853, pertenceu ao extinto concelho de Aboim d'Anóbrega, passando, em seguida, para o do Pico de Regalados, no qual permaneceu apenas dois anos. Não obstante fazer parte, desde então, do de Vila Verde, ainda não está ligada, por qualquer estrada, à respectiva sede do concelho, ali distante nada menos de quinze quilómetros.



*Imagem do orago de Codessedu,
na igreja matriz*



*Custódia de Codessedu,
magnífico trabalho em
prata dourada
(Séc. XVIII)*



A actual matriz de Codesseda é de 1772

COUCIEIRO

Situada a seis quilómetros da sede do concelho, tem S. João Baptista por orago.

É de crer que, antigamente, houvesse pertencido à Ordem do Templo, passando, depois, para a de Cristo. Em 1855, transitou do concelho do Pico de Regalados para o de Vila Verde.

Esta freguesia tornou-se notável não só pelas suas pitorescas lendas e respeitáveis tradições heráldicas como, sobretudo, pela sua vetusta igreja paroquial, cuja fundação remonta à primeira metade do Século XII.

Com efeito, trata-se de um templo que tanto pelas suas avantajadas proporções e sólida construção como pelo sentido estético que presidiu ao seu delineamento, devia constituir, nos dias de hoje, um interessante exemplar do estilo românico. Tal, porém, não sucede, porque, no decorrer das longas centúrias que já conta, as reconstruções a que a sujeitaram foram de tamanha imponderação que lhe obliteraram, em muito, a estrutura fundamental. Então, no interior, pouco existe a documentar época tão remota. Só o arco da porta do lado do Norte, até certo ponto reconstituição meritória, nos pode fazer evocar a traça que, indubitavelmente, durante séculos, dominou em todo o conjunto.

A maior reconstrução que teve foi a de 1888. Correspondeu, por assim dizer, a uma reedificação total. Não obstante terem-lhe respeitado alguns dos mais antigos elementos architectónicos, outros, porém, lhe introduziram, mas por forma tão insen-

sata que mais parece com isso pretender abalar-se-lhe a austeridade da sua feição primitiva. Haja em vista, por exemplo, o modernismo das descabidas figuras que ladeiam o arco da fachada principal!...

Relativamente há pouco tempo, foi consideravelmente reparada.

Pela inscrição se vê que foi o Arcebispo de Braga D. Paio Mendes, valioso auxiliar de D. Afonso Henriques na fundação da Nacionalidade, quem a sagrou, possivelmente no ano de 1128.

Para rematar, diríamos que esta freguesia foi, durante muito tempo, residência dos donatários do Pico de Regalados, antes de os Abreus entrarem no senhorio deste concelho.



A inscrição na parede do lado do Sul evoca a sagração feita por D. Paio Mendes



Fachada principal da igreja de Coucieiro



Em cima:

*Arco interior da porta
da fachada do Norte.*

Ao lado:

*A mesma porta vista
exteriormente.*





Em cima:

*Modilhões da fachada
voltada ao Norte.*

Ao lado:

*Fachada do Sul e tru-
seiras da capela-mor.*





*Altar da capela do Senhor dos Passos, na igreja paroquial
(Séc. XVII)*



Em cima:

Casa de Carcavelos

Ao lado:

Brasão sobre o portal



COVAS D'ABOIM

Encontra-se a treze quilómetros da sede do concelho, mas eclesiásticamente pertence ao arceprelado de Ponte da Barca. Sob este aspecto, esteve, em tempos idos, anexa à freguesia de S. Tomé do Vade, em Terras d'Anóbrega, facto já verificado em 1550, pois em Setembro desse ano o Arcebispo Primaz D. Frei Baltasar Limpo confirmava nas duas freguesias o clérigo de missa Frutuoso Pires Lordão. Mais tarde, tornou-se independente com o título de reitoria.

Já pertenceu ao concelho de Aboim d'Anóbrega, mas em 1853 passou para o de Ponte da Barca e dois anos depois foi integrada no de Vila Verde.

Covas tem como padroeira Santa Maria das Neves.

É uma povoação atravessada pela estrada nacional de Braga a Monção; mas a parte mais populosa fica alcandorada numa encosta de penoso acesso. Por isso, de qualquer um desses pontos se descobrem vastos e formosos panoramas.



Alminhus da estrada



*Antiga imagem de Nossa Senhora
das Neves, padroeira de Corus*



Altar da Sagrada Família

DOSSÃOS

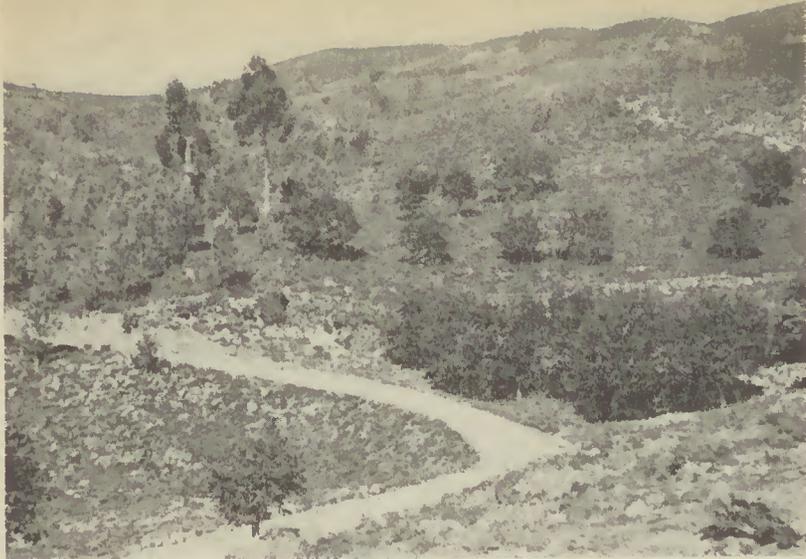
Dedicada a Santa Maria, permaneceu, durante largos anos, como abadia do Ordinário, no concelho de Vila Chã. Quando, porém, este foi extinto, passou para o de Vila Verde, de cuja sede a separam apenas seis quilómetros de estrada.

A sua situação, a meia altitude, é, até certo ponto, considerada magnífica. Rica de contrastes, ora nos encontramos perante encostas escavadas, de onde, no inverno, a água jorra em catadupas, alimentando velhas azenhas, ora perante uma variada vegetação, onde a oliveira e outras árvores de fruto abundam.

Sobretudo para o Sul, possui admiráveis pontos de vista que se alongam até às serras do Sameiro e Falperra, em Braga.



Uma azenha em pleno monte



Entre Dossãos e Pedregais



...onde a oliveira e outras árvores de fruto abundam

DUAS IGREJAS

Segundo a tradição, os templários dominaram nesta freguesia, até à extinção da Ordem, em 1312. Passou, depois, a comenda da Ordem de Cristo. Mais tarde, D. João III concedeu-a ao insigne poeta Sá de Miranda, que para ali transferiu, da vizinha freguesia de Azões, a sua residência, instalando-se, então, na Quinta da Comenda, próximo da actual igreja matriz, até se fixar na casa da Tapada, em Amares.

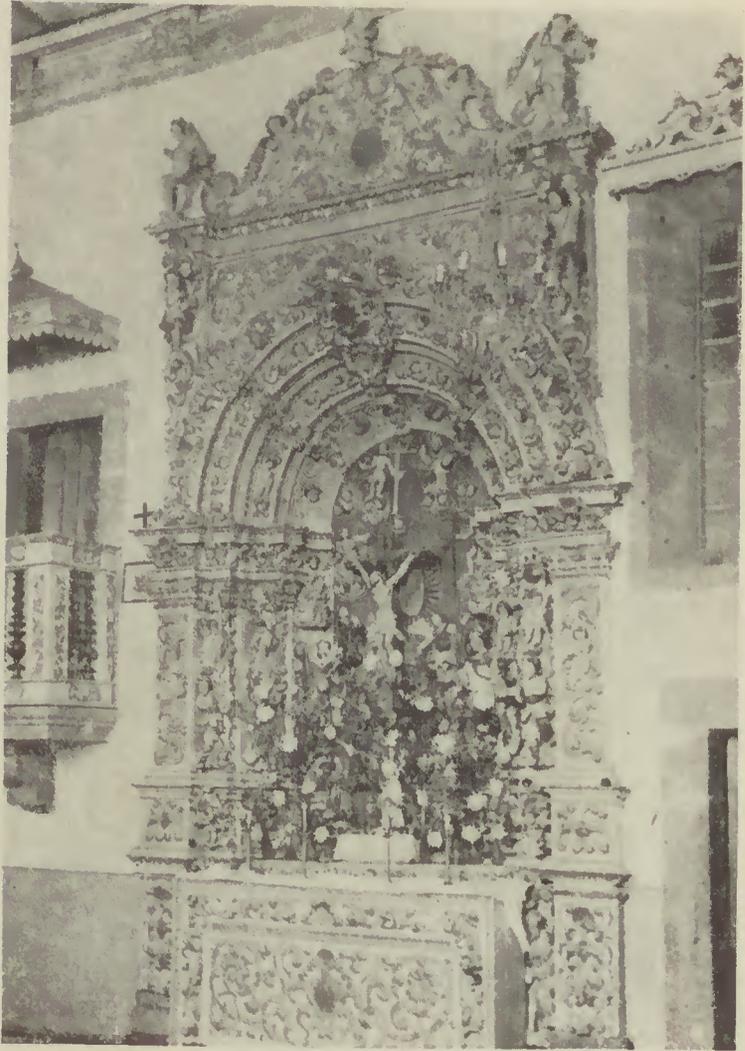
Duas Igrejas, situada na chamada Ribeira do Neiva, foi, também, reitoria da apresentação da Mitra Bracarense. Já pertenceu ao concelho de Penela e à comarca do Pico de Regalados. É dedicada a Santa Maria e encontra-se a catorze quilómetros da sede do concelho.

Pormenores da fachada principal da Matriz de Duas Igrejas →





Em obras de arte, a matriz de Duas Igrejas é das mais ricas do concelho de Vila Verde. Os seus altares são revestidos de preciosa talha que, a par do acabado da execução, se caracteriza igualmente pela delicadeza do pormenor. Por sua vez, os tectos apainelados, sobretudo o da capela-mor, ajudam a completar o conjunto do mais alto sentido artístico.



O altar das Almas, na matriz de Duas Igrejas

ESCARIZ (S. MAMEDE)

Outrora formava, com a seguinte, uma só freguesia, mas, depois de se tornar independente, fez parte do couto de Cervães onde era abadia da apresentação da Mitra Bracarense. Por essa época, metade da freguesia pertencia ao concelho de Prado e o restante ao da Portela de Penela.

Foi da comarca do Pico de Regalados, de onde transitou para a de Vila Verde.

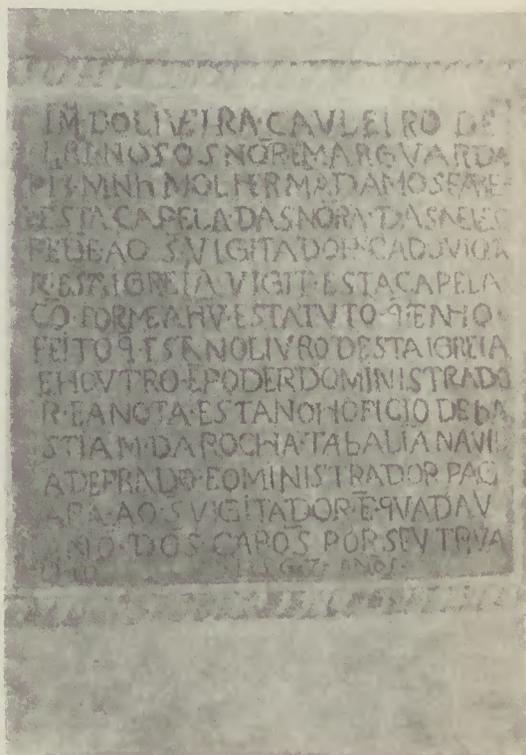
Está situada a doze quilómetros da sede do concelho.



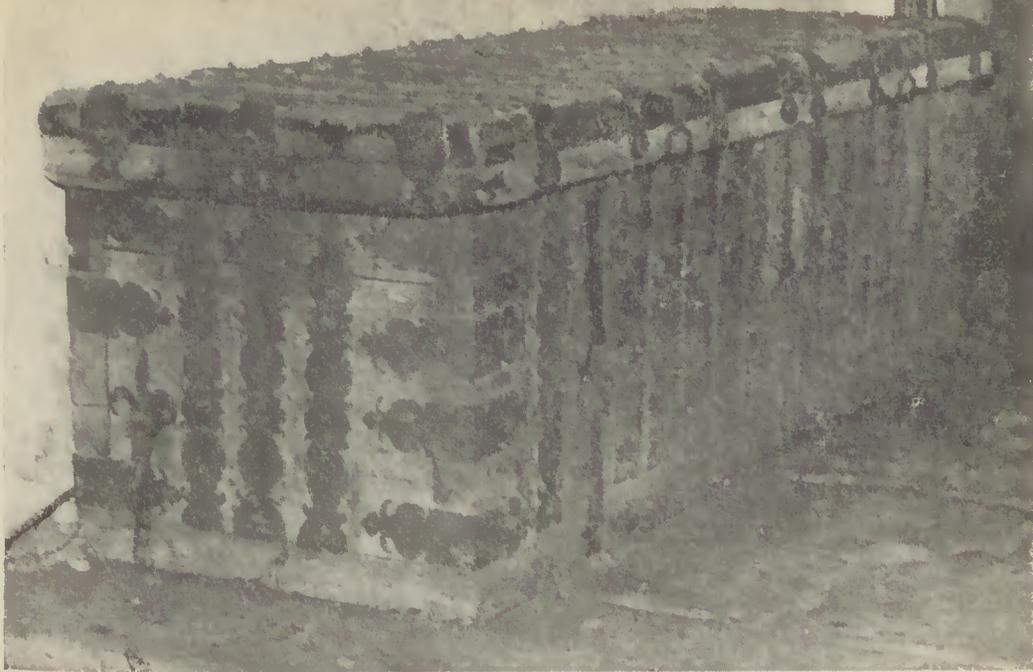
Allar-mor da igreja paroquial, em gracioso estilo barroco. No tecto da capela, pinturas concidentes sobre madeira



*Imagem de Nossa Senhora das Neves,
na capela que lhe é dedicada*



*Inscrição sobre a instituição, em 1567,
da capela de Nossa Senhora das Neves*



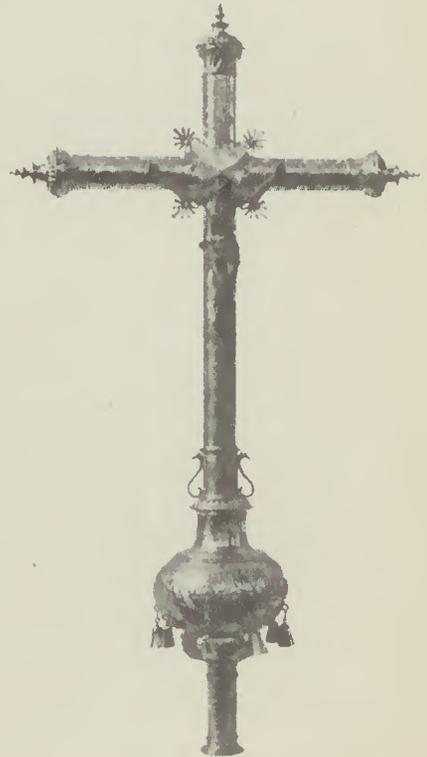
A secular caixa-forte da igreja paroquial, guarnecida de sólida ferrugem, presa em parte ao próprio pavimento



Motivo decorativo da capela-mor da matriz



*Antiga cruz processional, provavelmente
oferecida pelo Arcebispo D. Frei Barto-
lomeu dos Mártires (Séc. XVI)*



A actual cruz paroquial (Séc. XVII?)



*A valiosa custódia de Escariz (S. Mamede)
pesa sete mil e quinhentas gramas (Séc. XVIII)*

ESCARIZ (S. MARTINHO)

Pertenceu ao concelho da Portela de Penela, onde era vigairaria da apresentação de uma conezia da Sé de Braga. Mais tarde, passou a reitoria.

Em 1852, foi incluída na comarca de Braga de onde, dez anos após, transitou para a de Vila Verde.

Encontra-se a treze quilómetros da sede do concelho.



Grupo escultórico do Calvário, na igreja matriz →

ESQUEIROS

Está a dois quilómetros da sede do concelho e é dedicada a S. Pedro.

Até 1855, pertenceu ao concelho de Vila Chã. Eclesiásticamente, devido aos seus parcos rendimentos, tem andado, quase sempre, anexa a outras freguesias. Possui, no entanto, uma boa igreja paroquial, de arquitectura setecentista, com a particularidade, única em todo o concelho e muito rara em tais circunstâncias, de ostentar, lá no alto, em homenagem ao seu padroeiro, o Príncipe dos Apóstolos, a cruz papal. As armas pontifícias constituem, igualmente, motivo decorativo da fachada.

Um cruzeiro situado a pouca distância, é, também, rematado pelas insígnias papais: uma cruz de três braços, assente sobre um globo atravessado por uma chave.



Igreja paroquial de Esqueiros

FREIRIZ



*Santa Clara (?). Figura decorativa no quintal
de residência paroquial de Freiriz*

A freguesia de Freiriz foi outrora uma Honra, por sinal de grande rendimento para os seus donatários pelos bens que possuía em várias localidades. Antes, porém, havia sido quinta do opulento fidalgo D. Egas Pais de Penegate.

A Honra tinha justiças próprias, embora no crime estivesse sujeita ao juiz de Prado.

Pertenceu aos concelhos de Prado e de Penela, mas, a partir de 1855, passou para o de Vila Verde.

Primitivamente, parece ter pertencido aos Templários.

A freguesia é dedicada a Santa Maria e dista sete quilómetros da sede do concelho.



Aspecto parcial da Casa do Paço



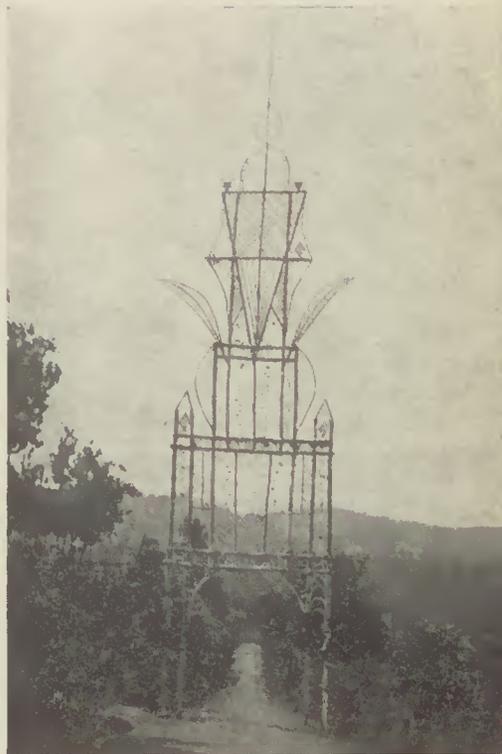
Marco da antiga Honra de Freiriz



Capela e fonte da Casa do Paço. A fonte é decorada com figuras greco-romanas



Piedade, na igreja matriz. Pertenceu à Casa do Paço (Século XVII)



Pelas suas dimensões, os arcos festivos de Freiriz têm fama em todo o Minho



Varanda da Casa do Paço

GEME

Dedicada a S. Cláudio, está situada, apenas, a um quilómetro da sede do concelho.

Até 1855, pertenceu ao concelho do Pico de Regalados, em cujo foral, dado por D. Manuel I em 13 de Novembro de 1513, já é citada.

Outrora foi abadia do convento beneditino de Rendufe.



Igreja paroquial de Geme



A Casa de Sá é uma exploração agrícola das mais acreditadas do concelho. Na gravura reproduz-se um trecho da propriedade, vendo-se a eira, o alpendre e o espigueiro, elementos característicos da lavoura minhota.



Alminhas de Geme

GOÃES

Fica situada na chamada Ribeira do Neiva, fértil e encantadora região banhada por este maravilhoso rio. É dedicada a S. Pedro, Príncipe dos Apóstolos. Catorze quilómetros a separam da sede do concelho. Pertenceu, primeiro, ao concelho da Portela de Penela, de cujo foral, mandado passar por D. Manuel I em 6 de Outubro de 1514, muito beneficiou.

Foi da comarca de Braga desde 1839 a 1852, passando, então, à do Pico de Regalados até à criação da de Vila Verde.

Capela de S. Bento na igreja paroquial. Talha do Século XVIII —→



GODINHAÇOS

Havendo beneficiado do foral de Penela, outorgado por D. Manuel I em 6 de Outubro de 1514, neste concelho se conservou até 1855. Passou, então, para o de Vila Verde.

Em 1839, aparece na comarca de Braga; em 1852, na do Pico de Regalados; e dez anos após na de Vila Verde.

É dedicada a Santa Eulália e foi, em tempos, vigairaria do convento do Pópulo, de Braga.

Esta freguesia é abundante em lendas, entre as quais a de numa fortaleza — a torre de S. Mamede — que ali teria existido, haver vivido, em permanente custódia, uma encantadora favorita de um rei mouro, a qual, depois da morte deste, passaria a errar pelos montes em redor. Para realçar mais esta lenda, cita-se o rio Neiva que ali tem a sua nascente, junto da qual a inconsolável moura pode ser vista a desse-dentar-se em noites de lua-cheia... Outra lenda diz-nos que os Mouros costumavam peneirar o ouro explorado na serra do Oural — parte da qual pertence a esta freguesia —, próximo da Fonte do Penedo Redondo. Por isso, ainda hoje ali vivem muitas mouras encantadas...

Godinhaços dista quatro quilómetros da sede do concelho.

Grupo escultórico, em pedra de Ançã, representando Santa Ana, a Virgem e o Menino Jesus. Ornamenta a parte superior da entrada principal da Matriz, construída em 1740.





Figuras de presépio na sacristia da igreja paroquial de Godinhaços



*Ingênuo mas curioso presépio na matriz de Godinhaços.
Não obstante a tosca execução das figuras, o povo dali
tem por elas a maior devoção*

GOMIDE

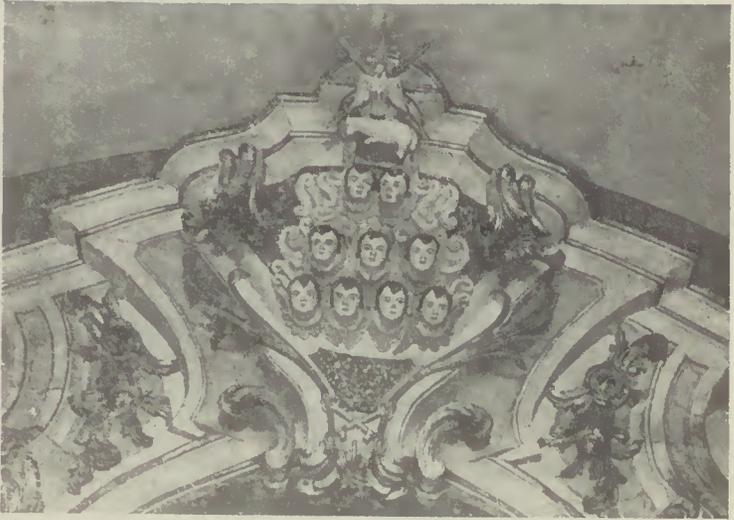
Pertenceu, até 1855, ao concelho do Pico de Regalados, passando, depois, para o de Vila Verde, de cuja sede dista doze quilómetros. Antes, porém, tinha sido da Comenda de Chavão, na Ordem de Malta.

Insinua-se, aliás com argumentos inconsistentes, ter sido aqui o solar da família Gomide, da qual veio a descender o grande Afonso de Albuquerque.

A freguesia de Gomide tem como orago S. Mamede.

*Sacrário do altar-
-mor da igreja
paroquial — →*





Coro dos Anjos no allo da tribuna da matriz de Gomide

GONDIÃES

Outrora, foi couto, instituído logo nos alvares da nacionalidade ou, ainda, pelo Conde D. Henrique. Dele foi donatária D. Berengueira Aires, fundadora do mosteiro de Almoester de freiras da Ordem de S. Bernardo.

Pertenceu ao antigo concelho de Vila Garcia e, depois, ao do Pico de Regalados, até 1855.

É dedicado a S. Mamede e encontra-se a cinco quilómetros da sede do concelho.



Casa de Serrazim, fundada, no Século XVIII, por Belchior de Sousa Barbosa, descendente dos Magalhães e Meneses, senhores da Barca



Capela de Santa Engrácia, pertencente à Casa de Serrazim

GONDOMAR

É de penoso acesso por ainda não possuir um caminho digno deste nome a ligá-la à Estrada Nacional, que atravessa a Portela do Vade, ou a qualquer outro ponto que a ponha mais rapidamente em contacto com a sede do concelho, da qual dista dezassete quilómetros. Daí o ser a mais isolada de Vila Verde e, por tal motivo, a menos beneficiada pelos serviços públicos.

Embora esta circunstância a afecte consideravelmente no desejo, aliás mais que justificado, de progredir, permite-lhe, no entanto, perservar-lhe muitos dos seus ancestrais usos e costumes. Juntem-se a esta faceta as belezas naturais que encerra, sobremaneira valorizadas pela pujante vegetação da serra Amarela, assim designada pela sua quase total cobertura por giestas de extraordinárias proporções cuja floração toma aquela cor; pelo acinzentado-escuro das suas construções em pedra solta ou rústicamente trabalhada, constituindo interessantes aglomerados; pela extensão dos seus horizontes quando presencados das cumeadas que a circundam; ou, ainda, por diversos motivos espalhados aqui e além, mas do mais sugestivo efeito, e formar-se-á uma pequena ideia do pitoresco que possa oferecer a todos aqueles que aspiram a satisfazer, neste particular, as curiosidades do espírito.

Com respeito ao passado, sabe-se ter sido abadia do Padroado Real e, depois, da apresentação dos Magalhães, senhores da Barca. Antes, porém, fora couto de um Mosteiro ali fundado por D. Afonso Henriques. Era o Couto de Santo André, ao qual o nosso primeiro Rei, segundo esclarecem as «Inquiri-

ções», mandadas fazer por D. Afonso III em 1258, «forneceu de bois e de vacas, de éguas e de mais gado e outros haveres e coutou por marcos e lhe ficou o convento a pertencer. Este acabou em data que se não pode precisar porque «os cavaleiros da terra se arrogaram o direito de herdeiros e o mosteiro os não pôde sofrer e por isso se despovoou».

Gondomar pertenceu ao concelho e comarca do Pico de Regalados e às comarcas de Ponte de Lima e dos Arcos de Valdevez.

Dedicada ao Apóstolo Santo André, pertence, eclesiásticamente, ao arciprestado de Ponte da Barca.



Este aspecto de Gondomar é da mais expressiva ruralidade



A igreja paroquial de Gondomar, reconstrução de 1711



Mais um trecho rural



*Nossa Senhora do Rosário
(Séc. XVI)*



*Nossa Senhora da Conceição
(Séc. XVIII)*



Custódia da igreja paroquial (Séc. XVIII)

LAJE

Uma curiosa lenda tenta explicar a origem do nome da povoação.

Conseguindo libertar-se, lá muito alto, da águia que a arrebatara, certa raposa, ao sentir-se desamparada no espaço, grita, aflita, para uma laje, contra a qual julgava estatelar-se: «Arreda, laje, que te parto!»

Parte desta freguesia, que tem S. Julião como padroeiro, foi do Couto de Moure, e era toda ela abadia da apresentação do Ordinário. Pertenceu, depois, ao concelho de Prado.

Esteve na comarca de Braga e dali transitou para a de Vila Verde em 1862.

Dista quatro quilómetros da sede do concelho.



Solar de Febros (1763)

LANHAS

Foi, no antigo concelho de Vila Garcia, vigairaria anexa à Comenda de Caldelas.

Havendo aproveitado do foral de D. Manuel I, dado, em 1513, ao Pico de Regalados, passou para este concelho, onde se conservou até 1855.

É dedicada a S. Tomé, mas já teve S. Lourenço como padroeiro. Encontra-se a quatro quilómetros da sede do concelho.



S. Lourenço



Nossa Senhora da Saúde (Séc. XVIII)

LOUREIRA

Tem Santa Eulália como orago e foi, antigamente, abadia da apresentação da Mitra Arquiepiscopal.

Pertenceu ao concelho de Vila Chã, até 1855; e às comarcas de Braga e do Pico de Regalados.

Está situada na margem direita do rio Homem e a três quilómetros da sede do concelho.

Capela e Casa dos Feios →



← { *Cruzeiro e capela da
Quinta do Sol*

MARRANCOS

Pertenceu, até 1855, ao concelho da Portela de Penela. Já é citada no foral que, em 1514, D. Manuel concedeu a Penela.

Foi curato anexo à abadia de Sant'Iago de Arcozelo e é dedicada a S. Mamede.

Fica na margem esquerda do rio Neiva e está situada a quinze quilómetros da sede do concelho.

Altar-mor e retábulo da igreja paroquial.

A sua construção, embora recente, obedeceu a linhas clássicas que fina talha dourada ainda mais viriu a valorizar.



MÓS

Dedicada a Santa Maria, foi, outrora, abadia da apresentação da Casa de Magalhães, donatária de Ponta da Barca.

Pertenceu ao concelho de Vila Garcia e, depois, ao de Pico de Regalados, onde se conservou até 1855.

Dista cinco quilómetros da sede do concelho.



Nossa Senhora da Conceição, na igreja matriz (Séc. XVIII)



Cruzeiro, no largo da matriz

MOURE

É das freguesias mais conhecidas e, até, em boa verdade, das mais afamadas do concelho.

Foi primitivamente um couto que D. Henrique e sua mulher D. Teresa deram ao Arcebispo de Braga, S. Geraldo. Era o *Couto de Moure* ou de *Moure e Olivão*.

Os seus moradores estavam obrigados a cavar as vinhas que os Prelados tinham em Braga. Em contrapartida, ficavam isentos da jurisdição real, pelo que só iriam à guerra quando fosse o Arcebispo.

Como o Arcebispo D. Diogo de Sousa mandasse arrancar as vinhas, os moradores de Moure deixaram de estar sujeitos àquela obrigação, sendo-lhes, porém, imposto, em sua substituição, o foro anual de quatro almudes de vinho por cada fogo. Em consequência do desenvolvimento que a freguesia, a pouco e pouco, tomou, essa contribuição chegou a atingir, nalguns anos, cinquenta pipas.

Em Moure, existiu um convento, fundado, segundo a tradição, por S. Martinho de Dume. Dedicado a Santo Antão, foi conhecido por de Santo Antão ou, ainda, em linguagem mais popular, por de *Santo Antãozinho*.

Destruído pelos Mouros em 716, por ocasião da devastadora arrancada de Abdalaziz sobre a Galiza, foi reedificado três séculos depois, isto é, após a reconquista cristã, para no Século xv o Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, o secularizar e, assim, se ir extinguindo para sempre.

Esta freguesia, dedicada a S. Martinho, ficou a pertencer, após a extinção do couto, ao concelho de Penela.

Servida pela estrada de Braga a Ponte de Lima, dista seis quilómetros da sede do concelho.

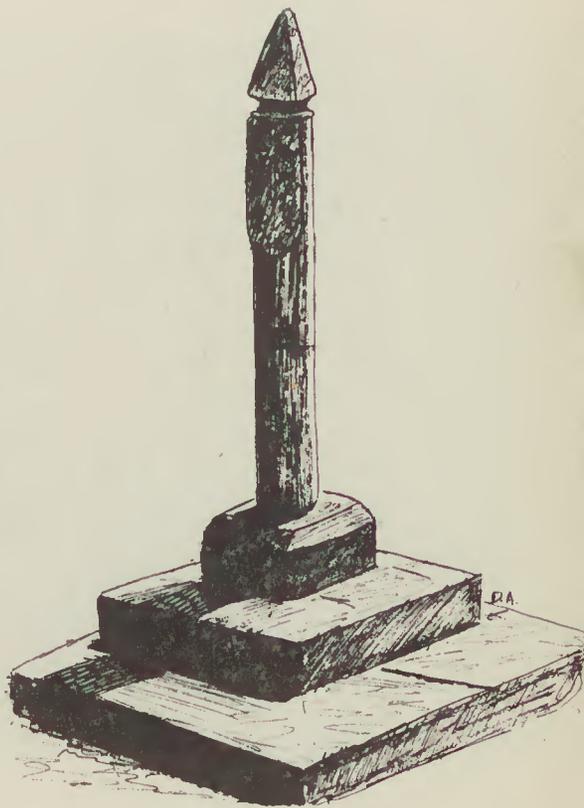


Em cima:

*Entrada para a antiga
casa da Câmara, no Couto
de Moure.*

Ao lado:

*O pelourinho de Moure,
actualmente recolhido no
solar de Gondomil. É do
tempo do Arcebispo Primaz
D. Agostinho de Castro.*



MOURE

É das freguesias mais conhecidas e, até, em boa verdade, das mais afamadas do concelho.

Foi primitivamente um couto que D. Henrique e sua mulher D. Teresa deram ao Arcebispo de Braga, S. Geraldo. Era o *Couto de Moure* ou de *Moure e Olivão*.

Os seus moradores estavam obrigados a cavar as vinhas que os Prelados tinham em Braga. Em contrapartida, ficavam isentos da jurisdição real, pelo que só iriam à guerra quando fosse o Arcebispo.

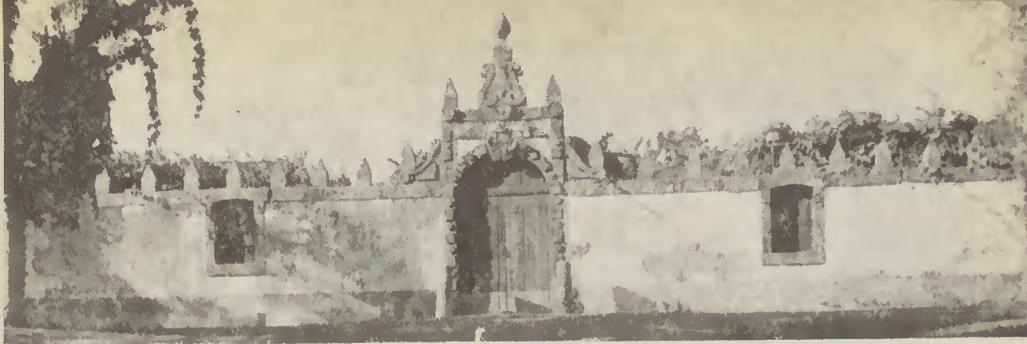
Como o Arcebispo D. Diogo de Sousa mandasse arrancar as vinhas, os moradores de Moure deixaram de estar sujeitos àquela obrigação, sendo-lhes, porém, imposto, em sua substituição, o foro anual de quatro almudes de vinho por cada fogo. Em consequência do desenvolvimento que a freguesia, a pouco e pouco, tomou, essa contribuição chegou a atingir, nalguns anos, cinquenta pipas.

Em Moure, existiu um convento, fundado, segundo a tradição, por S. Martinho de Dume. Dedicado a Santo Antão, foi conhecido por de Santo Antoino ou, ainda, em linguagem mais popular, por de *Santo Antóinho*.

Destruído pelos Mouros em 716, por ocasião da devastadora arrancada de Abdalazis sobre a Galiza, foi reedificado três séculos depois, isto é, após a reconquista cristã, para no Século XV o Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, o secularizar e, assim, se ir extinguindo para sempre.

Esta freguesia, dedicada a S. Martinho, ficou a pertencer, após a extinção do couto, ao concelho de Penela.

Servida pela estrada de Braga a Ponte de Lima, dista seis quilómetros da sede do concelho.



Em cima:

Entrada para a antiga casa da Câmara, no Couto de Moure.

Ao lado:

O pelourinho de Moure, actualmente recolhido no solar de Gondomil. É do tempo do Arcebispo Primaz D. Agostinho de Castro.

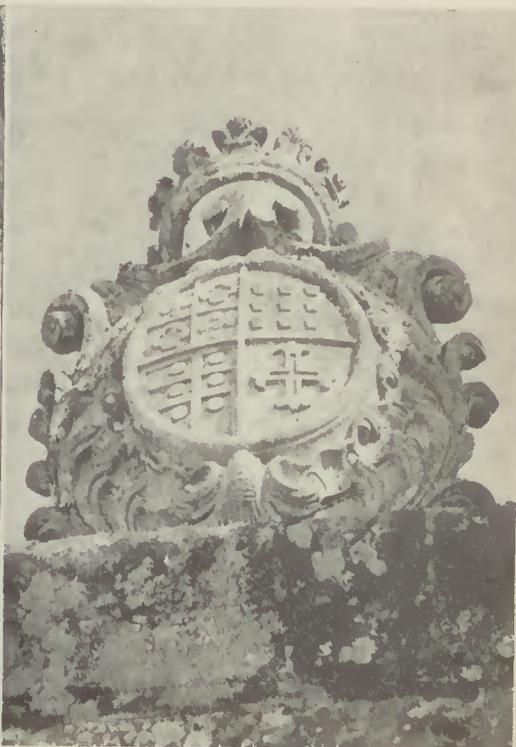




Solar de Gondmil, que deu notáveis figuras nas letras, nas artes e na politica



Altar da capela do Solar de Gondmil



O brasão que encima a entrada do Solar de Gondmil



Santo Antão, na igreja matriz. Segundo a tradição, esta imagem pertenceu ao extinto convento de Santo Antonino. De madeira.



Custódia da igreja matriz de Moura. É de prata e na base tem gravada a seguinte inscrição: DEU ESTA COSTODIA DEU O CAPITAO MOR DIOGO DE ARAVJO DA SILVA MACHADO ANNO DE 1746



O gigantesco eucalipto de Moure, oficialmente considerado de interesse público



Um dos marcos do antigo Couto de Moure



A carranca, que deu o nome ao lugar onde se encontra

NEVOGILDE

Havendo aproveitado do foral de D. Manuel I, mandado passar, em 6 de Outubro de 1514, a Vila Chã, neste concelho permaneceu até 1855.

Foi abadia de concurso e da apresentação da Mitra Arquiepiscopal.

Tem como orago Santa Marinha e está a seis quilómetros da sede do concelho.



*Nossa Senhora do Rosário, na igreja
paroquial*



*Santa Marinha, padroeira de Nevogilde.
Imagem existente na Matriz.*



Em cima:

*Ruínas da capela e entrada da
Casa do Paço, fundada em 1620.*

Ao lado:

*Embora de linhas modestas, o
púlpito da Matriz já conta quase
três séculos.*



OLEIROS

Foi do Padroado Real, passando, depois, a vigarraria do abade de Cabanelas, para, mais tarde, se tornar em reitoria.

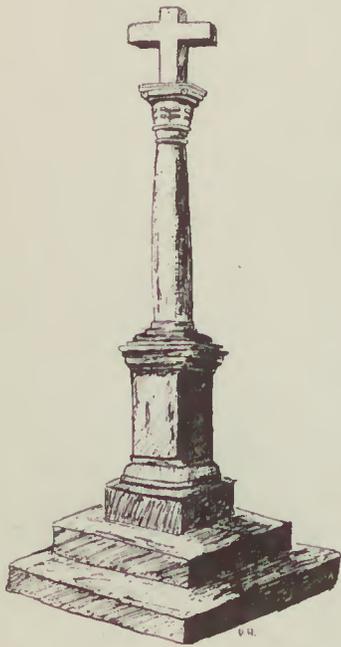
O padroado desta freguesia, pelos seus apreciáveis rendimentos, originou, por vezes, graves disputas, nas quais a Nobreza tinha sempre a parte mais interessada.

Como o seu próprio nome indica, a maior actividade industrial que tem é a olaria, principalmente cântaros e vasos para flores.

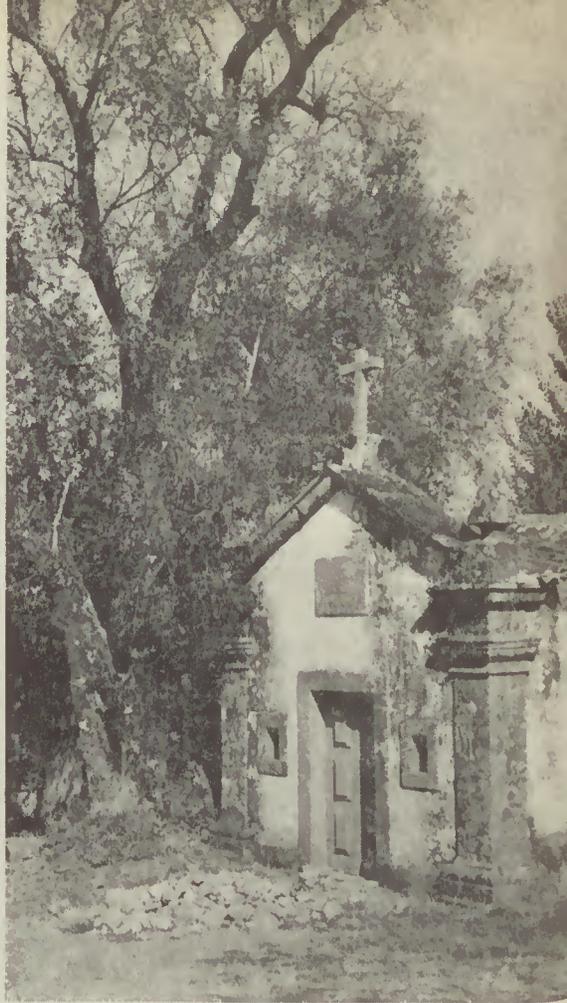
Pertenceu ao concelho de Prado até 1855. Tem como orago Santa Marinha e encontra-se a treze quilómetros da sede do concelho.

Cruzeiro do lugar da Lamela. É datado de 1722 -- →





*Cruzeiro do lugar
de Aldeia*



*Capela de S. João, datada de 1735. Julga-se que
a oliveira junta já conta mais de três séculos*

ORIZ (SANTA MARINHA)

Pertenceu, até 1855, ao concelho do Pico de Regalados. Eclesiásticamente, foi abadia da apresentação da Mitra Arqueiepiscopal. Já esteve nas comarcas de Braga e do Pico de Regalados.

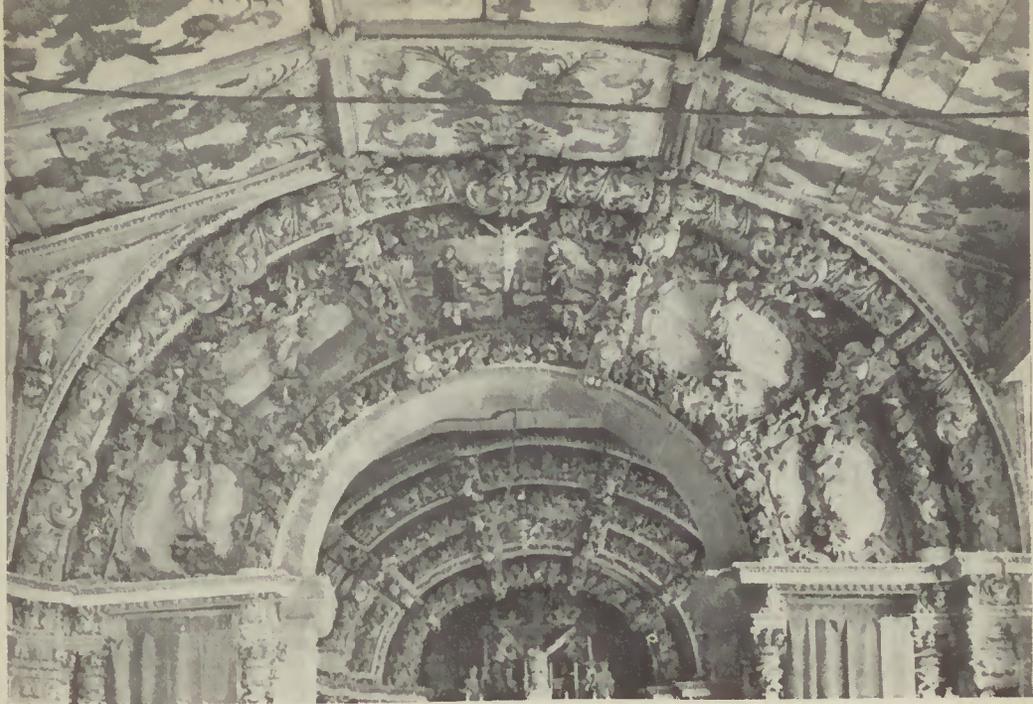
É povoação muito antiga e muito pitoresca, pois, de uma forma geral, aninha-se em encostas das quais se descobrem extensos e sugestivos panoramas.

Está situada a pouco mais de dez quilómetros da sede do concelho.



*Igreja paroquial
de Oriz (Santa
Marinha) —→*

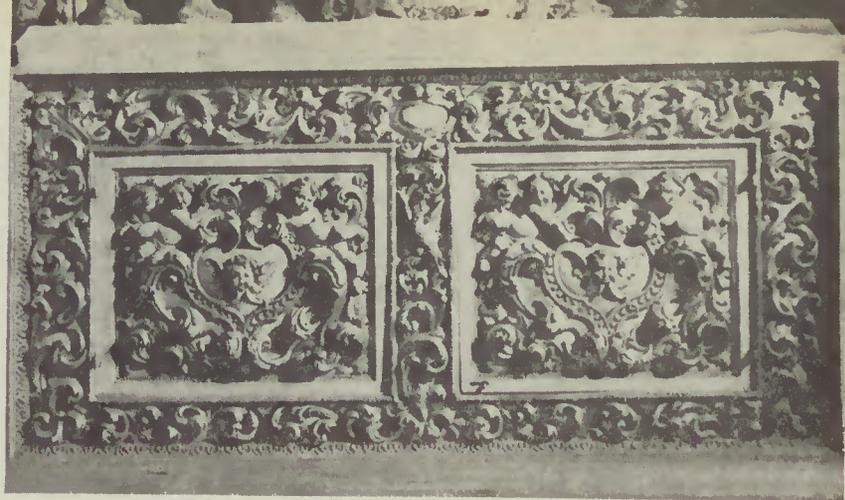




Pormenor do altar-mor da Matriz



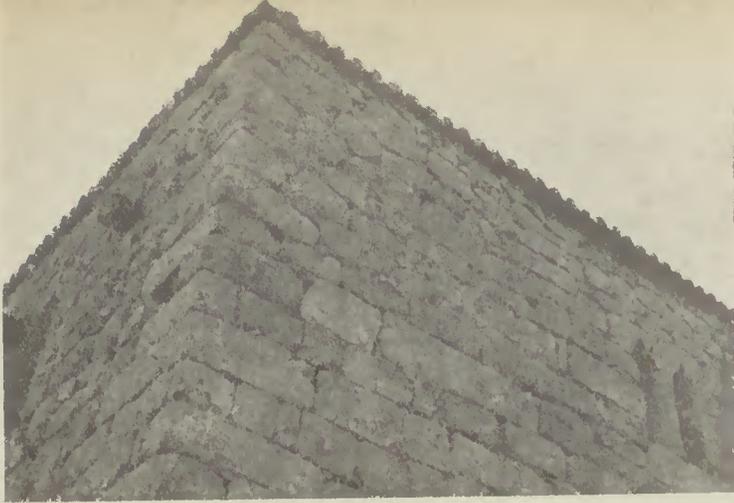
Pormenor da talha



Frontal do altar-mor

Turíbulo, custódia e naveta da igreja paroquial, valiosas peças de prata do Séc. XVIII.





*Por menor da torre dos Coimbras, edificada em plena
Idade Média*



*A torre dos Coimbras emergindo de entre o arvoredo
de Santa Marinha de Oriz*

ORIZ (S. MIGUEL)

Outrora, esteve unida à freguesia anterior, e dela se separou no Século XVII. Ficou-lhe, no entanto, anexa como vigararia para a qual o respectivo abade apresentava o pároco.

Foi das comarcas do Pico de Regalados e de Braga, e pertenceu àquele concelho até 1855.

Dista dez quilómetros da sede do concelho.



Nossa Senhora da Lapa, na igreja matriz (Séc. XVIII)



Cruzes da via-sacra, da maior devoção do povo de S. Miguel de Oriz

PARADA DE GATIM

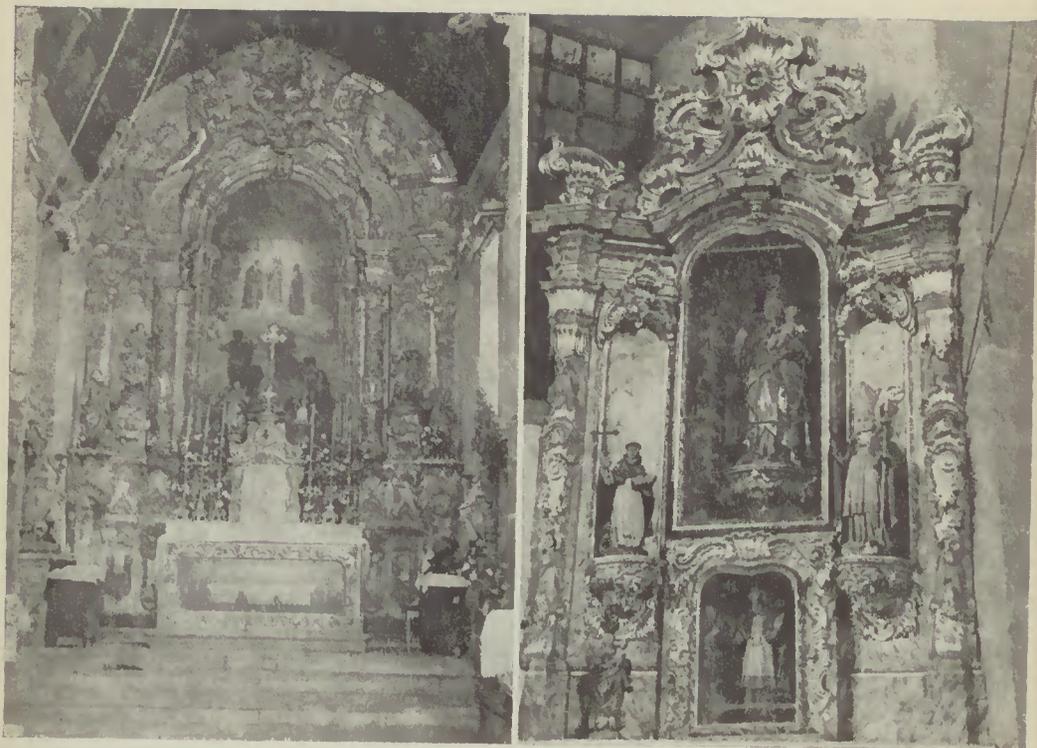
Tem como orago o Divino Salvador e foi abadia da apresentação da Mitra Arqueiepiscopal. Pertenceu ao antigo concelho de Prado e à comarca de Braga.

Possui uma razoável indústria de olaria, para o que muito contribui a natureza argilosa do terreno.

Está situada a catorze quilómetros da sede do concelho.



Oficina de oleiro e respectivo forno, em Parada de Gatim



A igreja paroquial de Parada de Gatim, quase totalmente reedificada em 1881, possui valiosa obra de talha, devida, em grande parte, ao abade Domingos Esteves, que a mandou executar após a construção da capela-mor e da sacristia, em 1759.

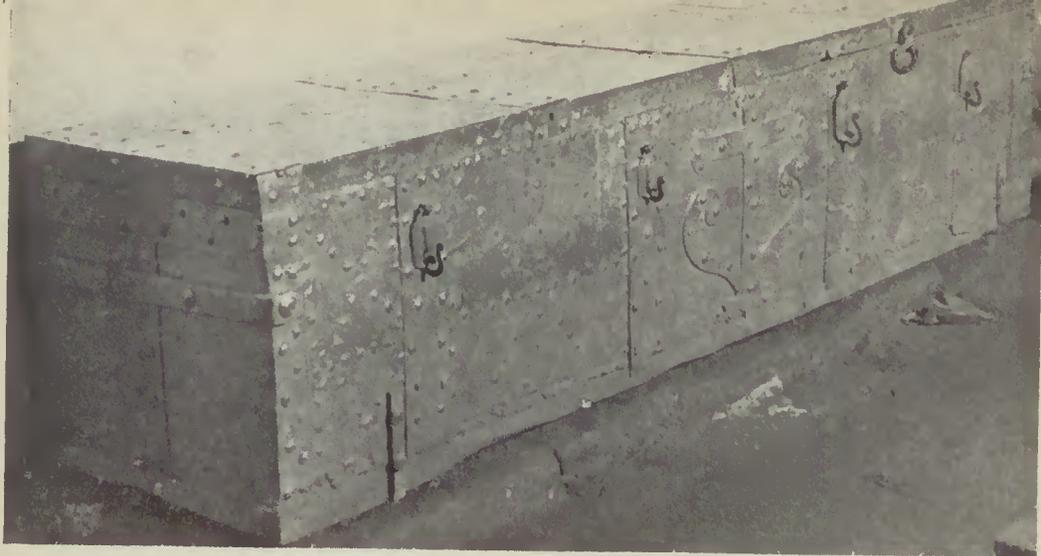
A gravura da esquerda mostra-nos o altar-mor e a outra o altar de Nossa Senhora do Rosário, cuja imagem parece datar do Século XVI.



O frontal do altar-mor é uma ingénua pintura, representando a última ceia de Cristo



O Calvário, pintura sobre madeira existente na sacristia da igreja matriz

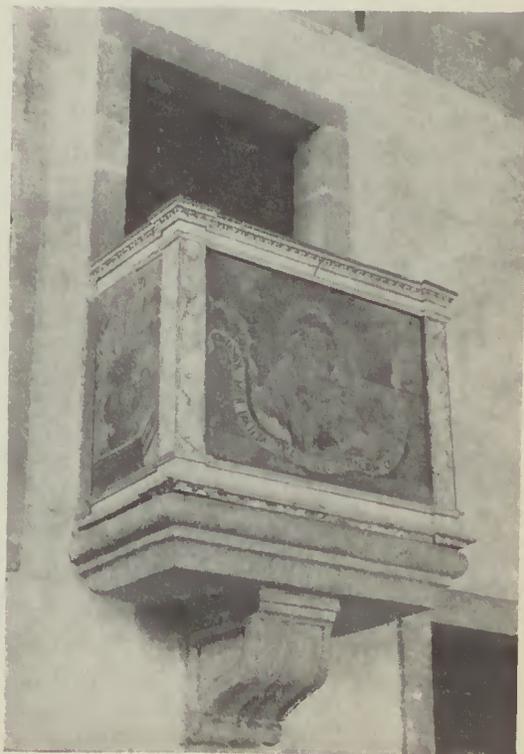


Em cima:

A caixa forte da Matriz de Parada de Galim é um curioso móvel que já conta mais de duzentos anos.

Ao lado:

O púlpito da igreja paroquial é de 1678.



PAÇÓ

Situada a doze quilómetros da sede do concelho, é dedicada a S. Miguel.

Foi, outrora, vigairaria anexa à comenda e reitoria de Adaúfe. Mais tarde, tornou-se independente com o título de reitoria.

Pertenceu ao concelho e comarca do Pico de Regalados.



Altar-mor da igreja matriz

PEDREGAIS

Está situada na margem direita do Neiva e é dedicada ao Divino Salvador. Foi abadia da apresentação dos Condes de Resende, no antigo concelho da Portela de Penela, a que pertenceu até à sua extinção, em 1855.

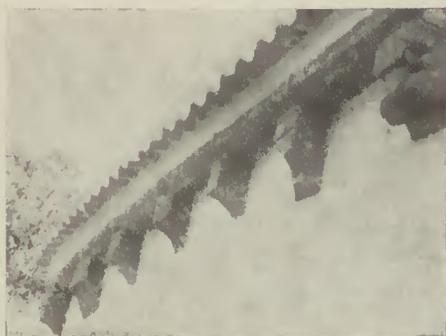
Tem admiráveis pontos de vista, sobretudo do chamado monte do Borrelho, de onde se descobre vasto e formoso panorama por todo o extenso vale do Neiva.

A sua igreja matriz, de origem românica, como o comprovam as séries de modilhões que a decoram, foi construída, pelos mouros, numa só noite — diz a lenda... Lê-se, a propósito, em *Minho-Dossel de Portugal*: «Enquanto os homens iam erguendo as paredes e preparando pedras de esquadria no monte Sabroso, as mulheres, carregando grandes pedras à cabeça, iam-nas transportando para o adro, fiando linho em suas rocas que traziam presas à cintura. E ao romper da madrugada, a igreja estava consoante se encontra hoje: completamente pronta...».

Dista onze quilómetros da sede do concelho.



Lado do sul da igreja paroquial de Pedregais



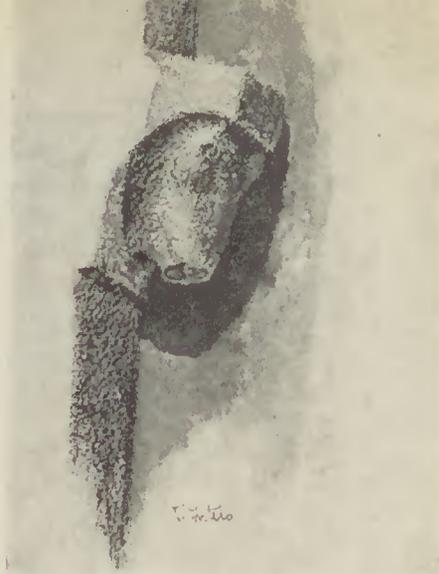
Em cima e ao lado:

*Modilhões da face do norte da
mesma igreja.*





*Motivo decorativo de um dos altares
da Matriz*



*Modilhões das traseiras da capela-mor
da Matriz*



O extenso panorama que se divisa do monte do Borrelho



Casa da Madalena



Varanda da Casa da Madalena

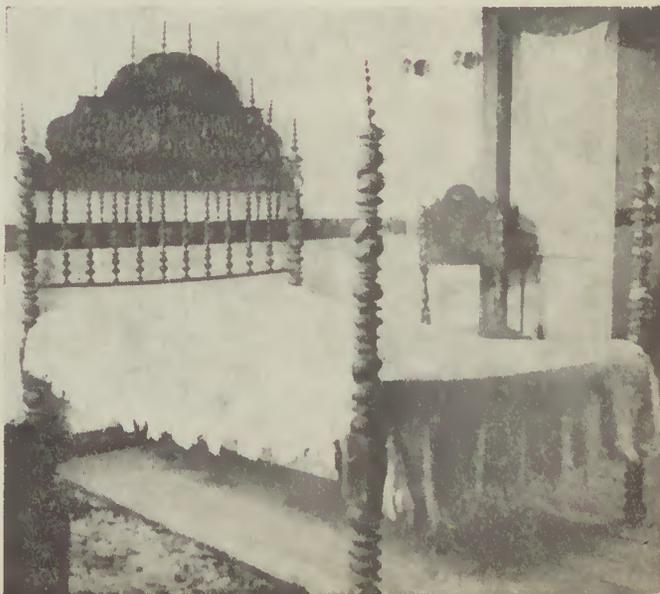


A Virgem e o Menino, na Matriz de Pedregais (Séc. XVI)



A imagem da Padroeira, na capela da Casa da Madalena (Séc. XIX)

*Cama de «bilros»
da Casa da Madalena (Séc. XVIII)*



PENASCAIS

Já pertenceu aos concelhos de Aboim d'Anóbrega e do Pico de Regalados. Eclesiásticamente, foi abadia da Mitra Arquiepiscopal. Tem como orago Santa Marinha e pertence ao arciprestado de Ponte da Barca.

A partir da Portela do Vade, ponto de mais fácil acesso, as suas ligações com o resto do concelho são ainda bastante penosas, visto só dispor de caminhos pouco menos que primitivos.

Encontra-se a quinze quilómetros da sede do concelho.



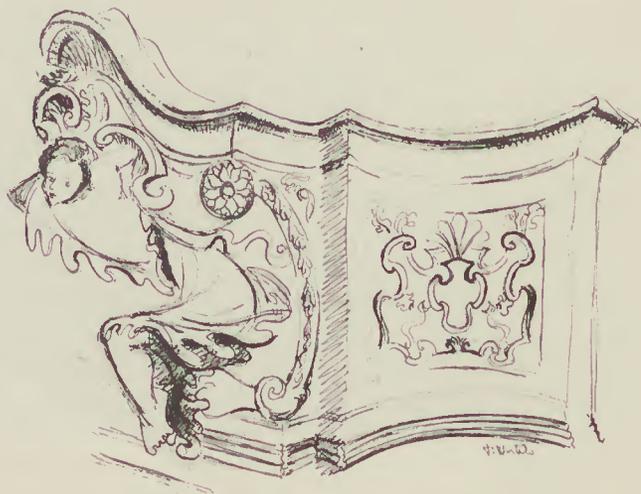
Aspecto parcial de Penascáis, vendo-se, ao centro, a igreja matriz



*Altar de Nossa Senhora do Rosário,
na Matriz*



*A imagem de Nossa Senhora do
Rosário*



Pormenor do altar do Coração de Jesus



*Imagem de Nossa Senhora da Conceição,
na igreja paroquial (Séc. XVIII)*



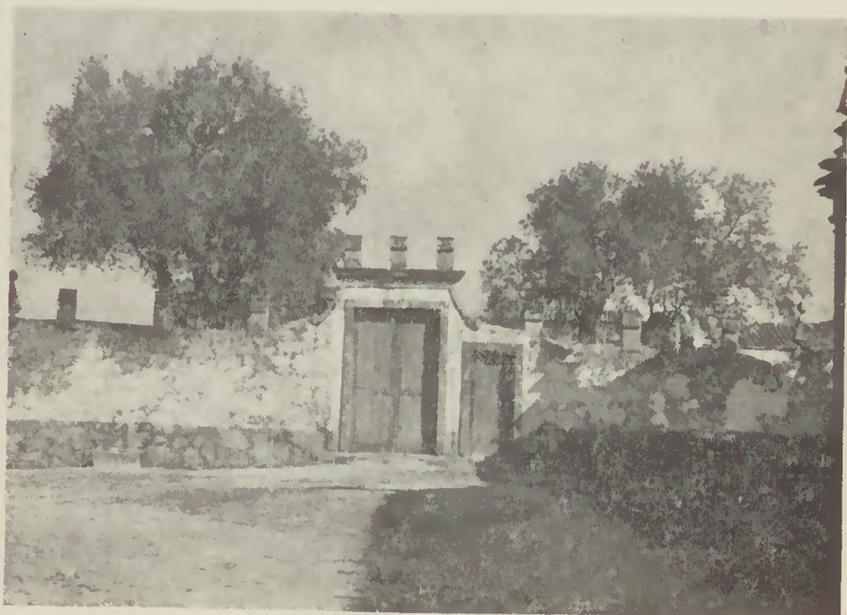
*Púlpito da igreja paroquial, datado
de 1787*



*Naveta, eustódia, cruz processional e turibulo
da igreja matriz (Séc. XVIII)*

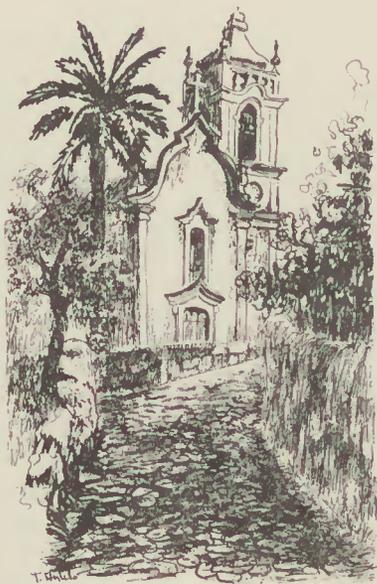


Parte do altar do Senhor do Mundo, na Matriz



Entrada ameada da residência paroquial

PICO DE REGALADOS (S. CRISTÓVÃO)



Igreja Matriz de S. Cristóvão do Pico

Fez parte do extinto concelho do Pico de Regalados, formando, com a sua vizinha de S. Paio, a antiga Vila da Pica ou, mais modernamente, do Pico de Regalados.

Foi, em tempos, vigairaria anexa a uma conezia da Sé de Braga.

No foral que, em 13 de Novembro de 1513, D. Manuel I concedeu àquele concelho, já se faz menção, entre outras terras que o constituíam, da freguesia de S. Cristóvão.

Está situada a três quilómetros da sede do concelho.



S. Cristóvão, na igreja matriz, imagem da maior devoção de todos aqueles que sofrem do fastio (Séc. XIX)



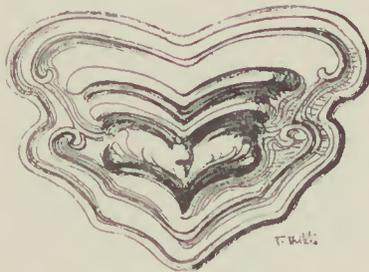
S. José de botas de pescador, curiosa imagem existente na igreja paroquial



*Imagem de Nossa Senhora da Conceição,
na igreja paroquial (Séc. XVIII)*



*Turibulo, custódia e naveta da igreja
matriz (Séc. XIX)*



Particular da porta principal

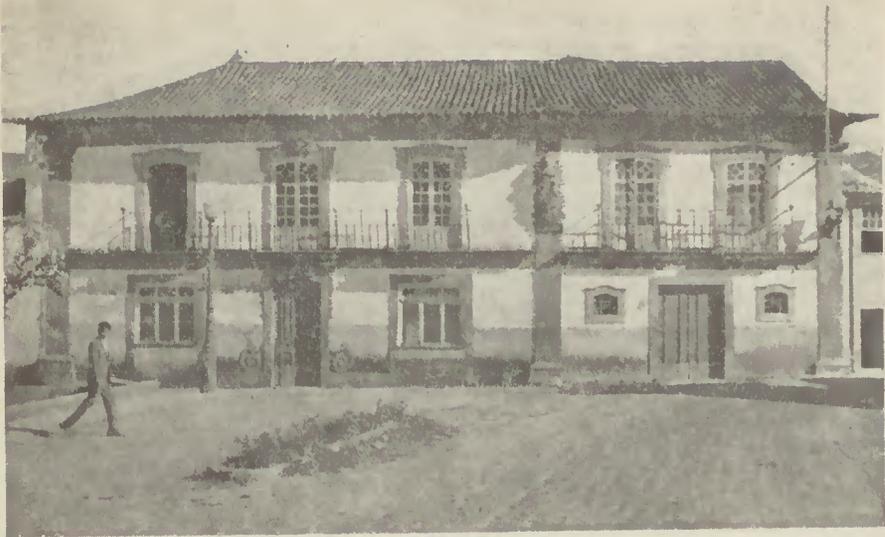
PICO DE REGALADOS (S. PAIO)

Formou, com a anterior, a Vila da Pica ou do Pico de Regalados, que foi sede dum dos mais antigos concelhos do País, extinto, como já se disse, em 24 de Outubro de 1855. Esta vila chegou a ser constituída só por uma freguesia.

Antes, porém, a povoação foi couto que D. Afonso Henriques doou ao Arcebispo de Braga D. Paio Mendes, em reconhecimento dos serviços que lhe ia prestando nos preparativos da fundação da Nacionalidade.



Aspecto da parte central do Pico de Regalados



A Casa dos Abreus do Pico de Regalados

Em 13 de Novembro de 1513, D. Manuel I concedeu foral a esta freguesia, chamando, ao concelho então fundado, Regalados, nome que aliás já aparece em 1220 ligado a numerosas freguesias comarcãs. Mais tarde, porém, por influência pseudo-erudita, em vez de *Pica*, como o povo ainda hoje diz, começou-se a escrever Pico de Regalados.

Os Abreus, principais senhores de Regalados, instalaram-se, primeiro, na Casa do Paço, em Coucieiro. Um ramo da Família transferiu a residência para o Pico, cujo solar, pelo estado de ruína em que se encontrava, começou, em 1790, a ser restaurado pelo desembargador João José de Abreu e Silva. Segundo o plano elaborado, este edifício devia ficar com três pisos, mas, devido à morte prematura do proprietário, só se concluíram dois.

Esta freguesia está a seis quilómetros da sede do concelho.

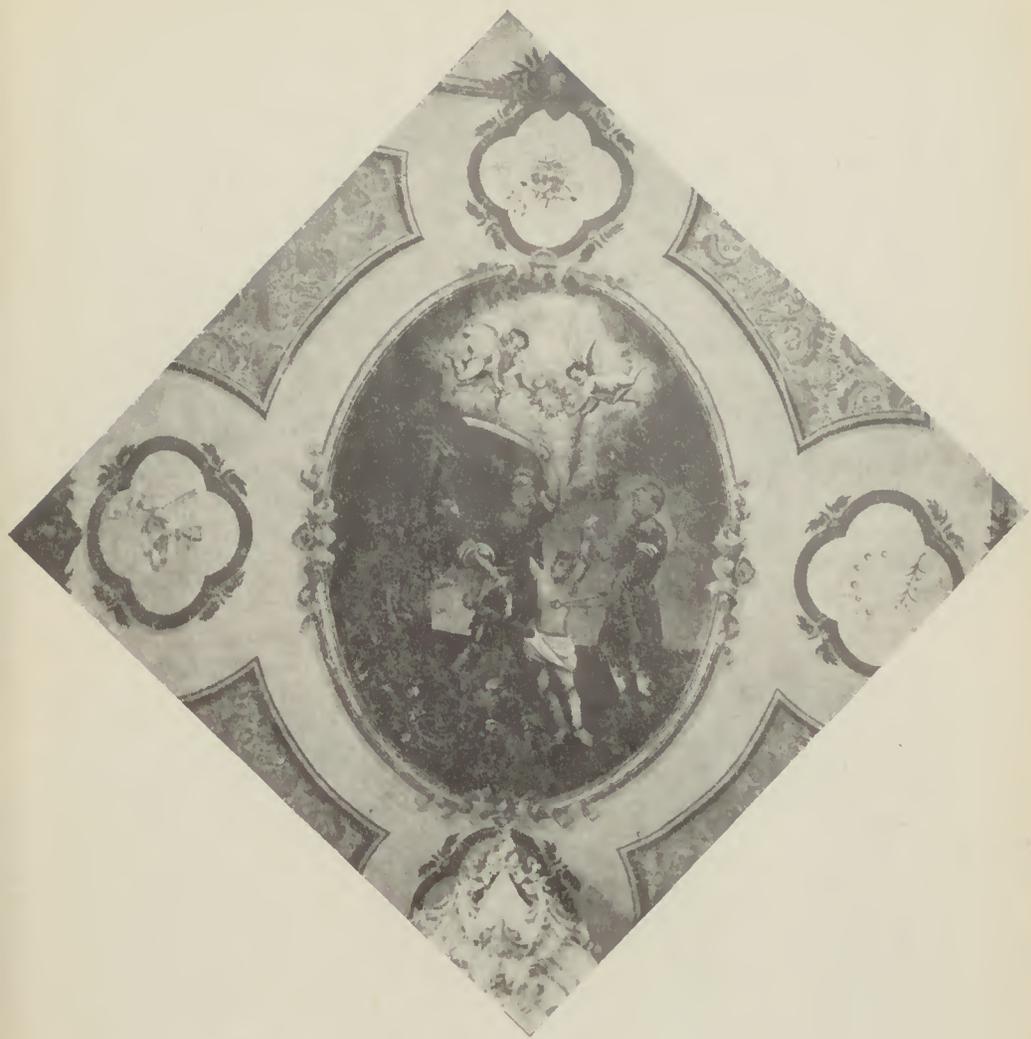
Ao lado:

A igreja matriz de S. Paio do Pico data dos meados do Século XVIII.

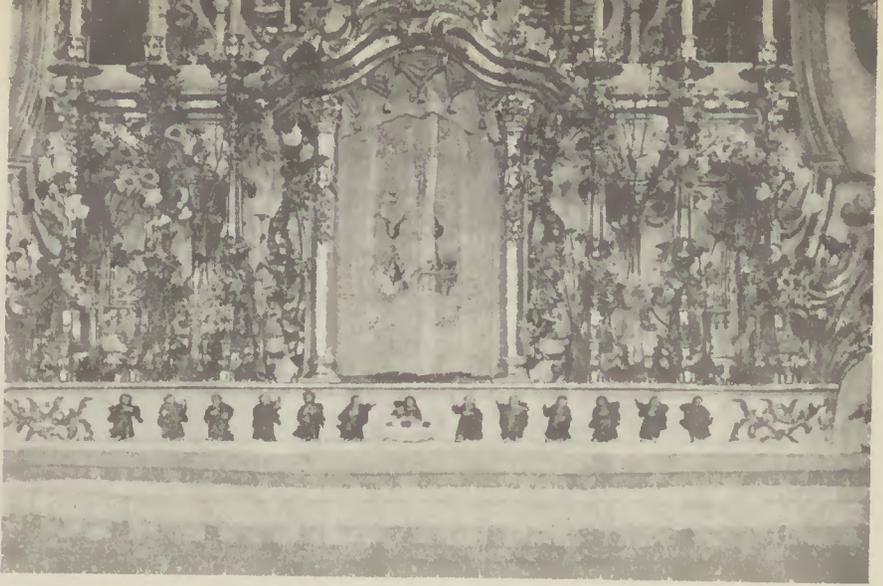
Em baixo:

A inscrição que assinala a construção da igreja, em 1756, pelo abade Fernando Jácome.





A igreja matriz é dedicada a S. Paio, cujo martírio se encontra representado no tecto da capela-mor.



No altar-mor da Matriz há um interessante friso de ingénua figurado, representando a última Ceia de Jesus com os Apóstolos

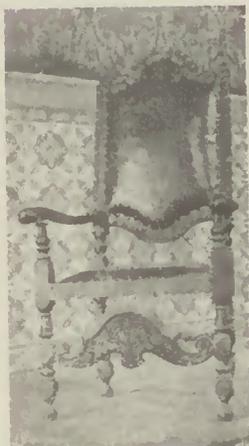


Pormenor do friso da última Ceia



O altar dos mistérios do rosário, na Matriz, constitui admirável obra de talha (Séc. XVIII)

Pormenor do altar dos mistérios do rosário



Cadeira da igreja paroquial (Séc. XVIII)



Senhora da Piedade, na igreja paroquial (Séc. XVII)





Capela de S. Sebastião, erecta pela freguesia em 1670; e reedificada à custa dos rendimentos e esmolas setenta anos depois

*Alminhas de Santo António,
no lugar da Feira do Pico
(Séc. XIX) →*



PONTE

Esta freguesia foi abadia da apresentação da Mitra Arqueiepiscopal no antigo concelho do Pico de Regalados.

É também conhecida por da *Ponte de Caldelas* e da *Ponte de S. Vicente de Caldelas*, devido à proximidade a que fica destas afamadas termas.

Tem como orago S. Vicente e encontra-se a oito quilómetros da sede do concelho.

É servida por uma estrada ao longo da qual se desenrolam panoramas dos mais sugestivos.



Densos pinhais revestem grande parte dos montados de S. Vicente da Ponte



As «alminhas» da estrada constituem um motivo etnográfico e religioso dos mais conhecidos de S. Vicente da Ponte



Abrigo de vigilância nos campos. É feito de palha de milho e apoia-se, normalmente, em estacas



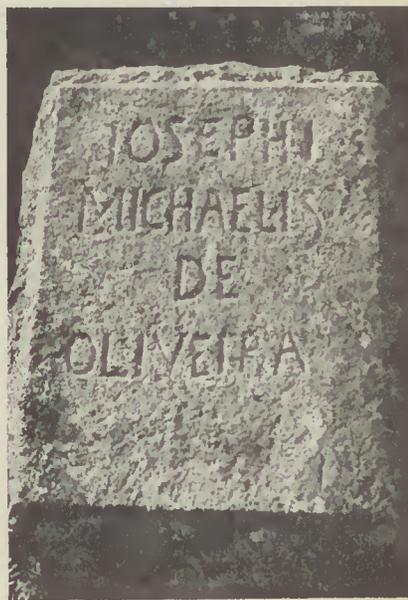
Em cima:

No monte de S. Julião, de onde se pode admirar vasto e soberbo panorama que abrange muitas léguas em redor, floresceu, outrora, um castro proto-histórico.

Observe-se, no primeiro plano da gravura, uma casa de lavoura, com sua característica varanda e, fazendo parte do conjunto, o indispensável sequeiro.

Ao lado:

O castro de S. Julião, que Martins Sarmiento conheceu, foi pacientemente explorado pelo erudito arqueólogo padre João Martins de Freitas, a quem amigos dedicados prestaram valiosa colaboração. Em homenagem a um deles se erigiu esta lápide que se conserva entre as ruínas postas a descoberto pelo ilustre sacerdote.





Restos de construções castrejas



As casas eram dos tipos circular e rectangular



Fragmento cerâmico do castro de S. Julião, existente no Museu de Martins Sarmento, em Guimarães



Motivo ornamental insculpido numa pedra do castro



Os penedos das Furnas encobrem uma gruta natural que ainda há poucos anos existia no alto do monte de S. Julião, e que a fantasia popular dizia comunicar com o rio Homem, dali distante alguns quilómetros



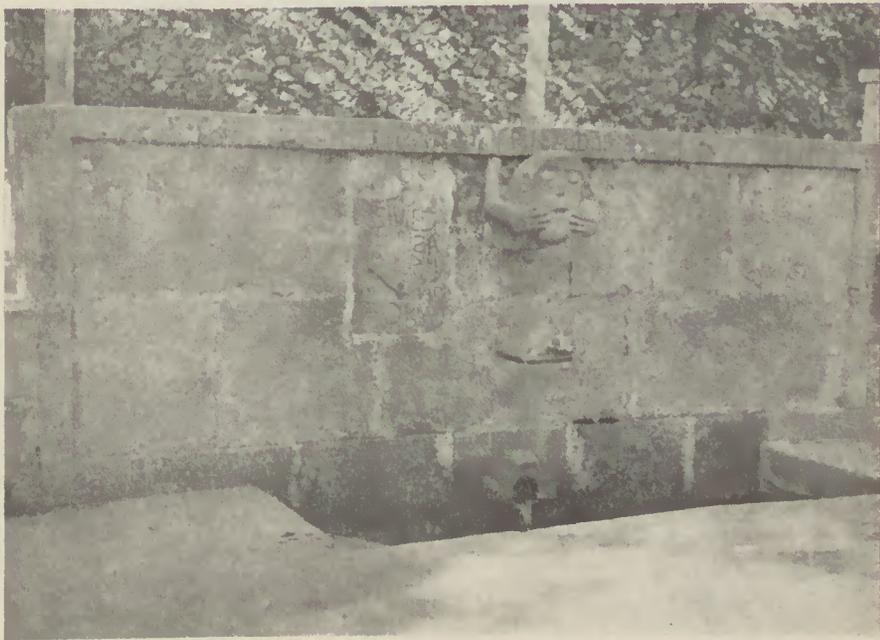
O monte de S. Julião é povoado de lendas, onde, como não podia deixar de ser, a moirama avulta encantada no seio de colossais penedos

PORTELA DE PENELA

É também conhecida por Portela das Cabras. Foi sede de um concelho que teve como donatários os Castros, senhores de Albergaria, e, mais tarde, a Casa de Bragança. Após a extinção do concelho, em 1840, passou, como freguesia, para o de Penela. Tem como orago o Divino Salvador e foi curato anexo a S. Miguel de Carreiras, cujo abade fazia a respectiva apresentação.

Dista dez quilómetros da sede do concelho.

A Portela de Penela é servida por uma estrada que, partindo do Ângulo Quarenta, se dirige a Vila Verde através de uma região plena de interesse pelos admiráveis contrastes que a Natureza oferece em todo o percurso.



A Fonte da Carranca está ligada a crença em auspicioso casamento para todos os jovens que, em noite de S. João, afagarem três vezes a estranha figura que a ornamenta



A talha do altar de Nossa Senhora das Dores, na igreja matriz da Portela de Penela, é aparatosa, embora de execução bastante imperfeita

PRADO (SANTA MARIA)



Prato executado em Prado

Que os Romanos se estabeleceram em Prado provam-no de sobejo os inúmeros objectos da época, desde cerâmica a moedas de vários Imperadores, encontrados nalguns locais dali. Tê-lo-iam feito para protecção das legiões que transitavam pela via militar que, através de Ponte de Lima, Valença e Tui, ligava a cidade de Braga à de Astorga. Seria, portanto, como que um posto de segurança num ponto considerado bastante vulnerável, qual fosse o da travessia do rio Cávado naquela parte do trajecto. Ao seu redor e, portanto, à sua protecção, teria surgido, a pouco e pouco, a povoação, cujo nome derivaria dos viçosos prados que já, então, por ali havia.

Qual o papel que a partir dessa época desempenhou, ignora-se, pois que só no Século XII nos aparece

como realidade histórica e, caso curioso, já sede de uma região com plena autonomia administrativa. Depois, e durante séculos, a *Terra de Prado* constituiu um extenso e original concelho que teve como donatários, além dos monges-guerreiros das Ordens do Templo e de Cristo, os Sequeiras, os Soares de Albergaria, os Melos, senhores da torre e solar do Outeiro, e, por último, os Sosas, da nobre ascendência dos *Chichorros*. Entre estes, justo é dizê-lo, houve figuras da maior envergadura militar e política, que ao país prestaram os mais relevantes serviços. Bem mereceram, pois, em recompensa a vila de Prado, feita cabeça de Condado por D. João III.

O primeiro foral que teve foi mandado passar por D. Afonso III, em 14 de Fevereiro de 1260. D. Manuel I confirmou-o em 1 de Junho de 1510.

Para efeito de governo, em Prado havia, sob a presidência de um ouvidor, dois juizes ordinários,



Antigos Paços do concelho de Prado. Foi aqui, segundo se afirma, com o assalto e destruição do arquivo, que, em 15 de Abril de 1846, teve início, na região, o popular movimento da «Maria da Fonte»



A capela de Sant'Iago de Francelos, matriz duma freguesia hoje extinta

três vereadores e um procurador do concelho, por eleição trienal do povo; e ainda um meirinho, também por eleição, que servia de carcereiro, um escrivão da Câmara, outro da Almotaxaria, quatro tabeliães, um meirinho do ouvidor e juiz dos órfãos, com escrivão.

Militarmente, tinha capitão-mor e sargento-mor, que dispunham de cinco companhias de Ordenanças, incluindo a do Couto de Manhente, que lhe estava adstrita.

Prado foi sempre um concelho estruturalmente agrícola. No entanto, devido à sua constituição geológica, em todas as freguesias se pôde estabelecer a olaria que ainda hoje abastece muitos mercados do norte. Própriamente a da Vila de Prado é primitiva e limita-se, quase exclusivamente, à fabricação de tijolos, telhas, alguidares, malgas, pratos e vasos para flores.

O concelho de Prado foi extinto, conforme já atrás se disse, em 24 de Outubro de 1855. Nessa

mesma data, foi criado o de Vila Verde, para o qual passaram muitas das suas freguesias. As restantes foram incorporadas no de Barcelos.

A sede do concelho de Prado, que não perdeu a sua antiga categoria de vila, passou a simples freguesia da invocação de Santa Maria. Dista seis quilómetros da sede do concelho.



Nossa Senhora da Purificação, padroeira de Prado. É de pedra de Ançã, polieromada (Séc. XV). Está classificada como monumento nacional



O pelourinho, a relíquia mais preciosa dos tempos da sua autonomia municipal (Séc. XVI). É considerado monumento nacional



A ponte do Cávado é um dos motivos mais conhecidos de Prado e, indubitavelmente, o seu maior cartaz de propaganda. Data do Século XVII, pois foi construída em 1616, isto é, em pleno domínio filipino. Está classificada como monumento nacional.

A acreditar na tradição, representa a construída pelos Romanos, integrada na via militar de Braga a Astorga. É de cavalete e compõe-se de nove arcos, sendo quatro ogivais e os restantes de volta redonda.

Diz-nos uma lenda que esta ponte substituiu a que um monarca de Leão, cujo nome ficou ignorado, ali mandou construir para, com maior segurança e mais rapidamente, visitar uma favorita residente em Braga, chamada D. Branca Guterres da Silva...



O lugar da Ponte, em Prado



O Cávado, a jusante da ponte



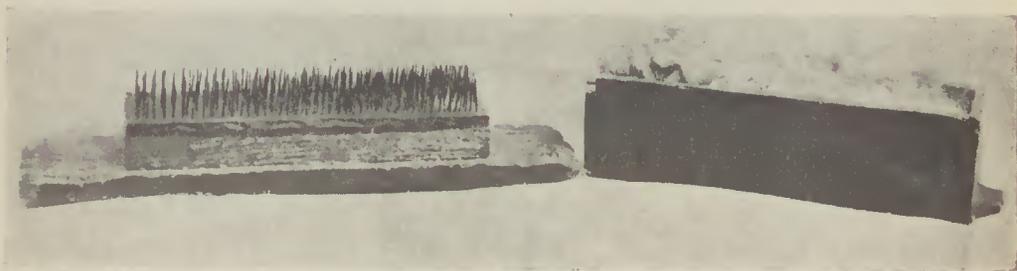
Entrada nobre da Casa das Fontainhas, restaurada em 1739. É das mais tradicionais de Prado



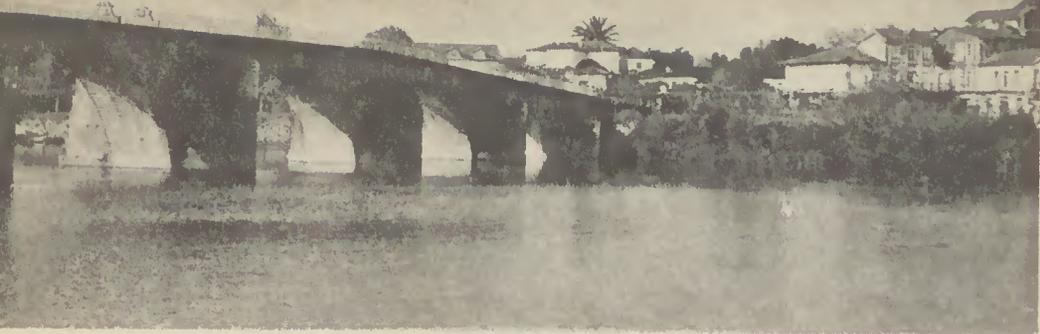
A Casa da Botica foi construída, em 1720, por Paulo da Silva, que nela instalou uma farmácia, a primeira que, com carácter público, se estabeleceu em Portugal. Em nicho próprio, vê-se uma imagem de S. Paulo, feita de barro da região



Espadeladouros executados pelo sr. António Luís Gonçalves, da Casa do Negreiro, e por ele oferecidos a sua esposa, em linguagem ingénua mas de poética pretensão. Pertencem actualmente ao sr. Dr. Francisco Gonçalves, capelão naval aposentado. Cada grupo representa o espadeladouro visto das duas faces, respectivamente



Sedeiro para preparação do linho destinado a tecelagem fina. Pertence ao sr. António Cerqueira da Silva, da freguesia de Prado (Santa Maria), e parece contar já mais de cento e cinquenta anos. Estes sedeiros são hoje muito raros



Outro aspecto da ponte do Cávado

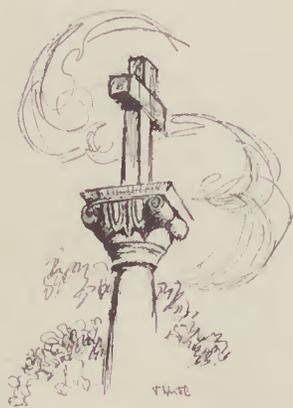


A fonte de Santo António é a mais antiga da Vila de Prado. Como se vê, ostenta o brasão dos Condes de Prado, seus donatários

PRADO (S. MIGUEL)

Foi abadia da Mitra Arquiepiscopal no extinto concelho do Pico de Regalados, cujo foral, mandado passar por D. Manuel I, em 13 de Novembro de 1513, lhe faz referência.

Está situada a sete quilómetros da sede do concelho.

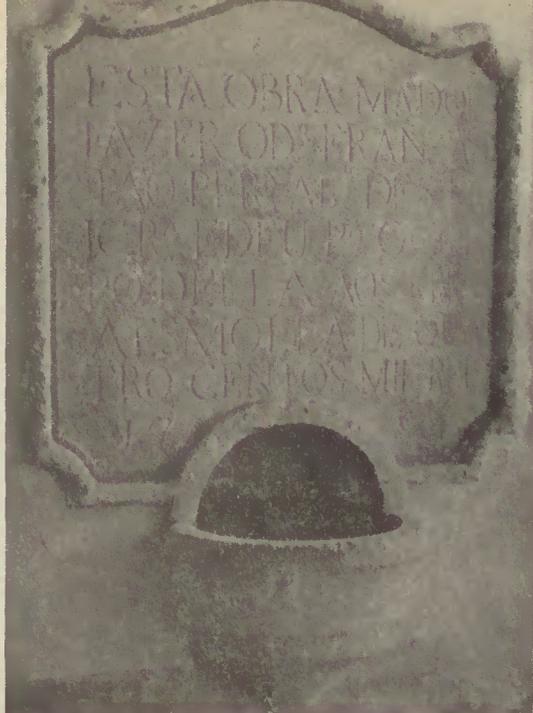


*Pormenor do cruzeiro,
um dos mais antigos do
concelho*



Cruzeiro e igreja matriz de Prado (S. Miguel)

A actual igreja matriz ficou-se a dever, em grande parte, à generosidade do abade Dr. Francisco Antão Pereira.



Frontal de um dos altares da igreja matriz

RIO MAU

Está situada a quinze quilómetros da sede do concelho, e o seu nome derivará da impetuosidade que, por vezes, atinge o ribeiro que a atravessa e vai desaguar ao rio Neiva.

É a igreja dedicada a S. Martinho.

Muito antiga, já existia a freguesia quando se fundou a Nacionalidade.

Pertenceu ao concelho da Portela de Penela.

Foi abadia da apresentação da Mitra Arquiepiscopal.



Crucifixo existente na sacristia da igreja paroquial (Séc. XVIII).

*Obra de talha do Altar do Sa-
grado Coração de Maria, na
igreja matriz (Séc. XVII)*



*Um dos portelos da
freguesia, curiosa
nota da etnografia
local —→*



SABARIZ

Documentos da segunda metade do Século XI já se referem a esta povoação. Assim, em 1078, Froila Crescónis doou à Sé de Braga uma propriedade que ali possuía.

Foi couro de Pedro Fernandes de Cambra, por sua mulher, D. Maria Ourigues d'Anóbrega, o haver recebido em dote de seu pai, o poderoso Ourigo Ourigues d'Anóbrega. Mais tarde, passou para o Mosteiro de Rendufe.

Pertenceu ao concelho de Regalados e é dedicada a Sant'Iago. Encontra-se a três quilómetros da sede do concelho.

*Fachada da igreja
paroquial de Sabariz
(Séc. XVIII) —→*

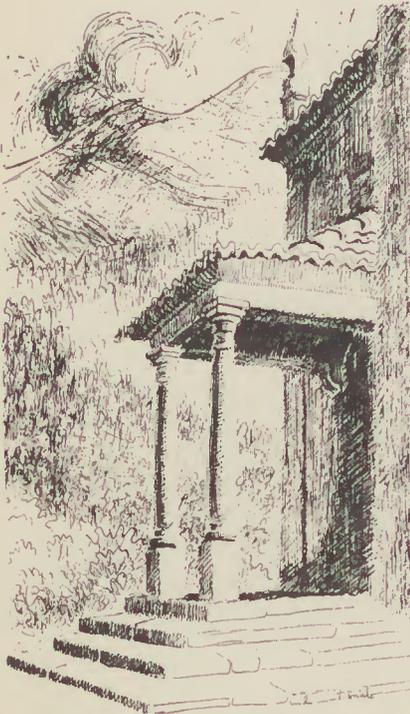


SANDE

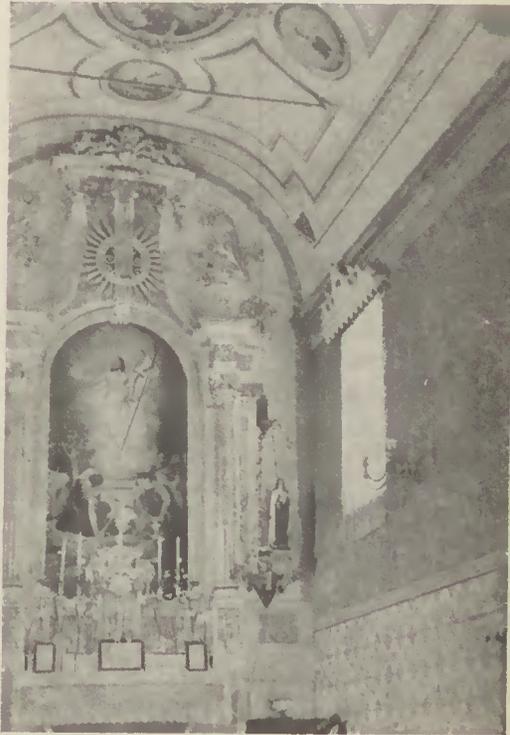
É povoação muito antiga, pois já em 1258 pertencia ao «Julgado» de Regalados. Os seus habitantes gozavam, por essa época, de apreciáveis privilégios.

Esta freguesia aparece-nos, na *Corografia Portuguesa*, com a designação de «Santa Ovaia de Barros».

Tem Santa Eulália como padroeira e encontra-se a seis quilómetros da sede do concelho.



Alpendre da fachada norte da igreja matriz



*Parte da capela-mor da igreja paroquial.
A pintura da parede, bastante perfeita,
pretende imitar damasco*

SOUTELO



Pelourinho do antigo concelho de Larim

Esta freguesia já anteriormente ao Século XII nos aparece canonicamente erecta sob a invocação de S. Miguel. No entanto, o que a tornou mais conhecida foi o facto de ter sido a sede de um concelho constituido, não só pela própria freguesia, mas ainda pelas de Santa Maria de Turiz e S. Julião da Laje, esta só em parte. Era o concelho de Larim, designação que lhe veio do lugar principal da sua sede, certamente o mais antigo historicamente, pois já se encontra citado, embora com o nome de *Lalim*, no testamento que, em 959, a condessa Mumadona fez em favor do mosteiro de Guimarães, por ela fundado.

Com efeito, entre as «villas» doadas, figura a de

Lalim. Foi até com esta designação que D. Manuel I lhe passou foral em 6 de Outubro de 1514.

Conheceu este concelho diversos donatários, parecendo ter sido um dos mais antigos Pedro Soares de Belmir, genro de D. Paio Guterres da Silva, que, do Século XI para o XII, exerceu, por encargo de Afonso VI de Leão, as funções de maiorino portugalense. Em 1372 encontrava-se em poder de Afonso Rodrigues de Magalhães. Mais tarde foi da Casa de Bragança.

O concelho de Larim nem sempre gozou de autonomia administrativa: em 24 de Outubro de 1855 encontrava-se unido ao de Vila Chã, formando o concelho de *Vila Chã e Larim*, com sede em S. Paio de Vila Verde.

Está situada a cerca de um quilómetro da sede do concelho.



A freguesia de Soutelo é servida por boas estradas, como a de Braga a Monção, que passa pela Ponte do Bico, sobre o Cávado, continuada pela ponte do Homem, construída em 1872



Pitoresco trecho do rio Homem, em Soutelo



Entre Soutelo e Vila Verde

Ao lado:

*Cruzeiro dos Evange-
listas (Séc. XVIII).
Em segundo plano, a
capela do Senhor dos
Passos.*



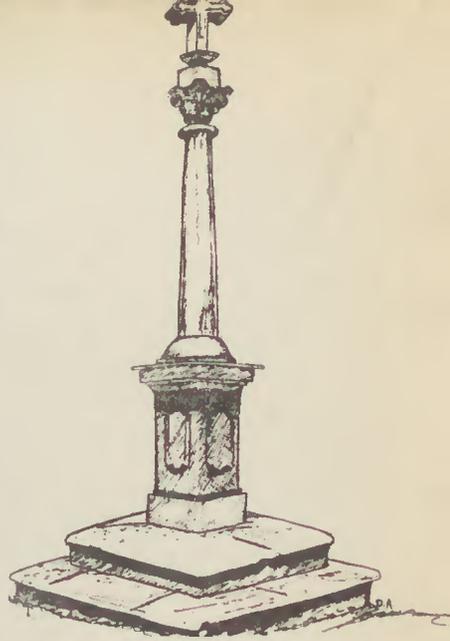
Em baixo:

*Interior da capela do
Senhor dos Passos.
Talha do Séc. XVII.*





Santuário da Senhora do Alívio, um dos mais afamados do norte do País. Fachada dos fins do Séc. XIX



Cruzeiro da Senhora do Alívio



Casa da Torre, integrada no noviciado da Companhia de Jesus (Séc. XVIII). Foi dos Barões, depois Viscondes, da Torre



Feliciano
 Francisco Ro
 ana
 S. Miguel
 S. Gabriel
 S. Daniel(?)
 e o resto
 Francisco

Igreja paroquial de Soutelo (fins do Séc. XVIII). Ficou-se a dever, em grande parte, ao abade Leite Frágoas, que igualmente mandou executar as estátuas dos Santos do seu nome — Francisco — que a circundam. Este sacerdote foi o fundador do primeiro santuário da Senhora do Alívio 1775-



Interior da matriz de Soutelo, das melhores do concelho, por suas proporções

TRAVAÇÓS

Já referenciada como antiga em diversos documentos do Século XII, é, manifestamente, anterior à Nacionalidade.

Dedicada a S. Martinho, foi vigararia anexa à abadia de Rio Mau, no antigo concelho de Penela. Deste passou para o de Vila Chã, onde se conservou até 1855.

Encontra-se a cinco quilómetros da sede do concelho.

Ao lado:

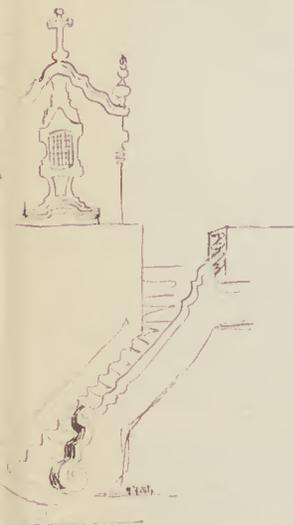
*Igreja paroquial de Travaços.
Sobre a porta da fachada do Sul,
tem a data de 1700.*

Em baixo:

*Um trecho do lugar da Revenda
que, em tempos, também foi sede
do extinto concelho de Vila Chã.*



TURIZ



Foi abadia da apresentação dos Barros no antigo concelho de Larim, de onde transitou para o de Vila Chã até à extinção deste, em 1855.

O lugar pròpriamente denominado Turiz já é referido em documentos do Século X; e no seguinte aparece a «villa» de Turiz como pertencente aos Condes Hermenegildo Gonçalves e Mumadona Dias.

A sua igreja paroquial está situada num ponto alto, ao qual dá acesso uma escadaria do Século XVIII.

A freguesia de Turiz é dedicada a Santa Maria e dista quatro quilómetros da sede do concelho.



Santa Ana, a Virgem e o Menino, na igreja matriz (Séc. XVII)



Santo António, na igreja paroquial (Séc. XVIII)

VALBOM (S. PEDRO)

No Século XIII, a igreja era uma abadia da apresentação da Mitra Arqueiepiscopal.

Pertenceu ao concelho de Regalados, até 1855.

Tribuna da capela-mor da matriz de S. Pedro de Valbom, valioso trabalho do Séc. XVIII.

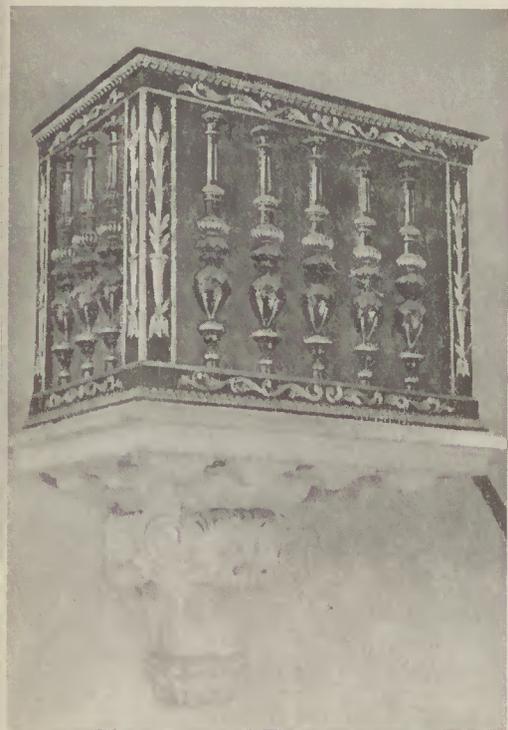




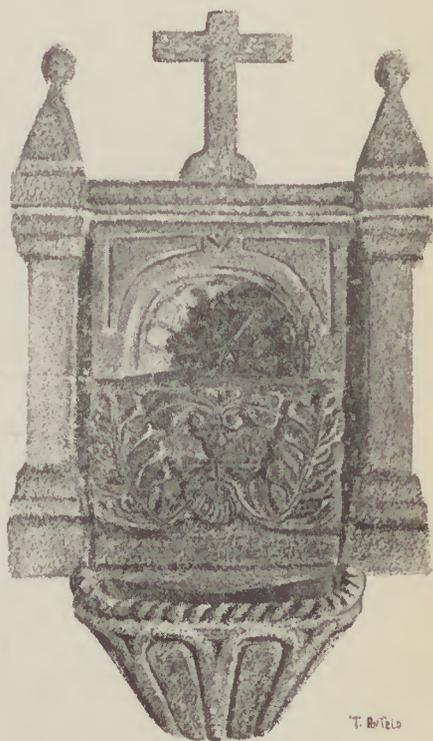
A parte superior da tribuna



Nicho existente na sacristia da Matriz



Púlpito da Matriz de S. Pedro de Valbom



Fonte da sacristia da igreja paroquial

VALDREU

Foi couto, com justiças próprias. Nele existiu um convento de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, fundado, segundo uns, por D. Ourigo, o *Velho, d'Anóbrega*; e, segundo outros, por seu filho D. Pedro Ourigues d'Anóbrega. No Século xv, o Arcebispo D. Fernando da Guerra reduziu-o a abadia da sua apresentação. Nessa altura, o couto passou a comenda da Ordem de Cristo.

Pertenceu ao concelho de Regalados.

A freguesia é dedicada ao Divino Salvador e depende eclesiásticamente do arceprelado de Terras de Bouro.

Dista quinze quilómetros da sede do concelho.

A igreja paroquial de Valdreu guarda, ainda, preciosos elementos da época românica.

O arco da capela-mor bem o manifesta, como se pode ver na gravura ao lado, que igualmente mostra o desenho da base da coluna da esquerda.





*Nossa Senhora do Rosário, na igreja matriz
(Séc. XVII?)*



Fresta na capela-mor



Janela lateral da capela-mor

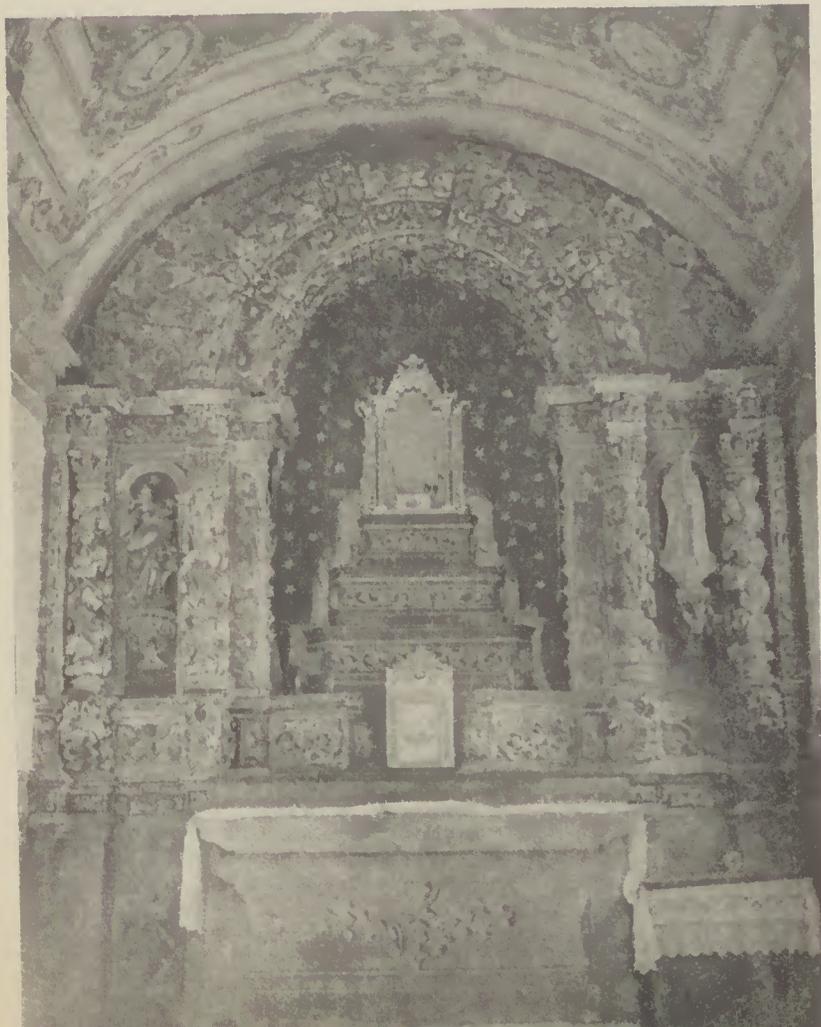
VALÕES

Tem como orago Santa Eulália e pertence eclesiásticamente ao arciprestado de Ponte da Barca. Foi, em tempos, da apresentação da Mitra Arqueiepiscopal.

Já pertenceu aos concelhos de Aboim d'Anóbrega e de Regalados.

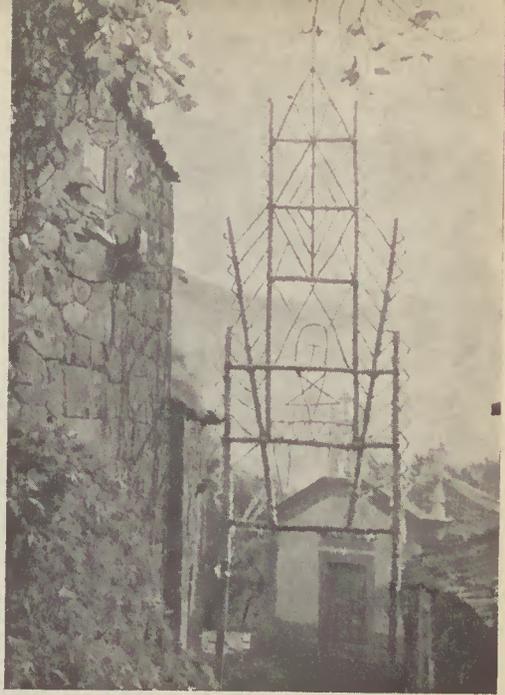
O acesso é feito ainda em condições bastante penosas, devido à falta de caminhos próprios.

Encontra-se a quinze quilómetros da sede do concelho.





Cruz paroquial de prata (Séc. XVIII)



Capela de S. Bento e arco festivo, no lugar de Premedelos



O altar-mor da Matriz é de granito



O lugar de Premedelos, em Valões, visto da serra do Oural



Espigueiro e canastro, no lugar de Premedelos

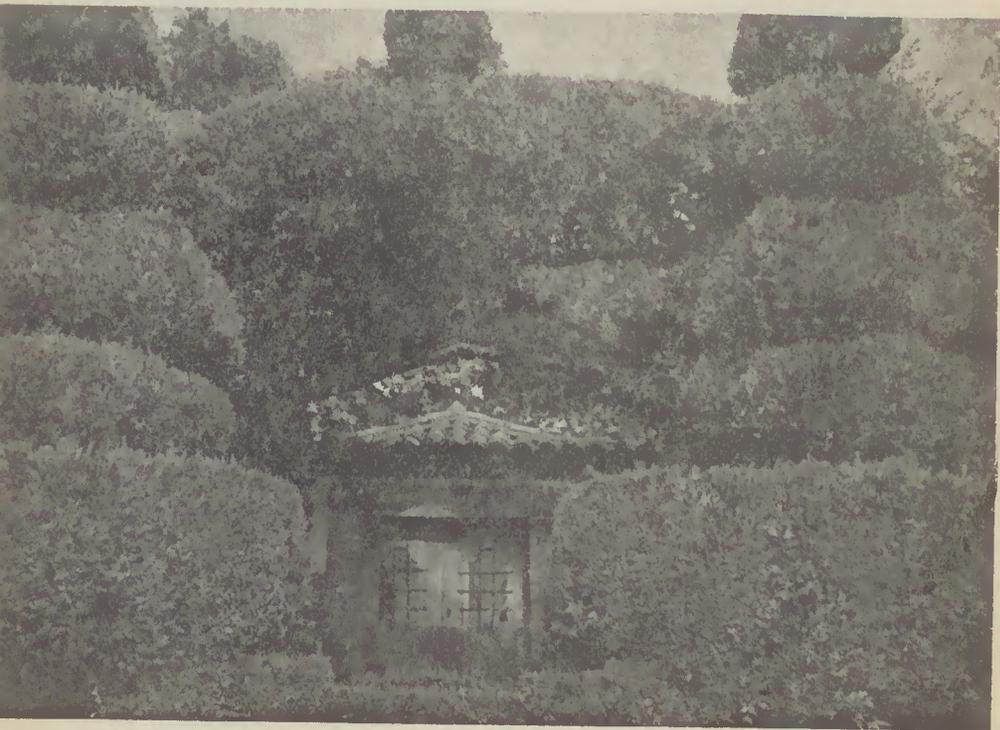
VILARINHO

Aproveitou do foral concedido por D. Manuel I ao concelho de Regalados, onde se conservou até 1855.

Foi vigararia da apresentação do Reitor de Sant'Iago de Caldelas.

Tem como padroeiro S. Mamede e dista quatro quilómetros da sede do concelho.

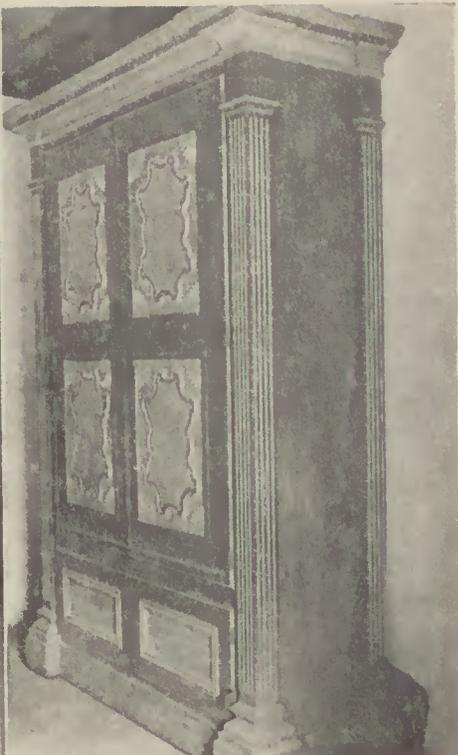
Apesar da sua pequena área, Vilarinho tem larga representação religiosa em nichos, capelas e alminhas, facto que muito contribui para dar à etnografia local carácter relevante.



A capela do Senhor do Horto, entre caprichosos tratos de buxo, representa, além de lugar de devoção, uma nota etnográfica de real merecimento



S. Mamede, na igreja paroquial (Século XVIII). Considerado grande protector da lavoura, é de hábito, após as colheitas, ornamentar de frutos a sua imagem. Uvas e milho — vinho e pão — devem constituir a primeira oferta ao milagroso Santo



A igreja paroquial é de modestos recursos. No entanto, as suas alfaias guardam-se em aparatoso armário de castanho com talha do Século XVIII. É pintado de azul e amarelo de ouro

VILA VERDE

Já no Século XI era dedicada a S. Paio, como ainda hoje. Foi couto que em 1220 tinha como donatário D. Gomes Viegas.

Tornou-se mais conhecida a partir do Séc. XVIII, quando passou a sede do concelho de Vila Chã e, depois, de Vila Chã e Larim. No entanto, a sua capital importância vem de, em 24 de Outubro de 1855, passar a sede do concelho que tem o seu nome e que em superfície é o sexto entre os treze do Distrito de Braga.

Em S. Paio de Vila Verde se concentram todos os serviços públicos respeitantes ao concelho e à comarca.



É nesta área, atravessada pela estrada de Braga a Monção, que, quinzenalmente, aos sábados, se realiza a feira em Vila Verde



O monumento aos mortos da Grande Guerra, da autoria do architecto Ernesto Korrodi, é um dos mais expressivos do País. Foi inaugurado, com a presença do Ministro da Guerra e de outras individualidades de relevo na vida nacional, em 15 de Novembro de 1931. A vereação municipal de então era constituída pelos srs. Dr. Francisco António Gonçalves, presidente; capitão Henrique José Alves, administrador do concelho; João Manuel da Silva e Sá, Adelino Cirilo de Araújo e Constantino Rodrigues da Costa Machado Vilela.



Da primitiva igreja de S. Paio não existem vestígios. A ela teria sucedido um templo, românico certamente. Restos de uma construção desse género, foram descobertos, em 1957, quando se procedia ao restauro da antiga matriz, cuja capela-mor data do Século XVI.

Essa obra, do mais elevado sentido artístico, litúrgico e arquitectónico, ficou-se a dever ao dinamismo do actual pároco de Vila Verde, sr. Padre Manuel Gonçalves Diogo.



O restauro da igreja velha de S. Paio trouxe, consigo, uma surpresa que encheu de júbilo os que nesses trabalhos se ocupavam: — o aparecimento de frescos do Século XVI, segundo parece, admiravelmente conservados. Estavam cobertos de espessa camada de cal, por detrás de um altar que houve necessidade de demolir.

Essas pinturas formam um tríptico, tendo ao centro a figura de Jesus, com um livro aberto na mão esquerda, em atitude de quem ensina. À direita do divino Mestre, S. Pedro empunha as chaves do Céu; e, à esquerda, S. Paulo, em manifesta expressão de encantamento.

O altar-mor, de alvenaria, tem no frontal sugestivas pinturas, igualmente a fresco. Nelas se vê Jesus Cristo, em movimento, com a cruz na mão esquerda, enquanto, com a direita, parece abençoar. Ladeiam-no Neptuno e uma sereia, ambos empunhando o bastão.



«Alminhas» do Monte de Baixo, curioso motivo etnográfico de Vila Verde. Datam de 1786

A face voltada a Poente contém os símbolos do martírio do Senhor



A Casa do Monte de Baixo é considerada das mais tradicionais de Vila Verde. Afirma-se que foi dos antepassados de D. Leonor de Alvim, mulher de D. Nuno Álvares Pereira. A pedra representada na gravura indica que o prédio foi do licenciado Francisco de Araújo Pimenta



Altar de Nossa Senhora da Conceição, na antiga Matriz de Vila Verde



A ponte do rio Homem, inaugurada em 1960, liga, na freguesia de S. Paio, o concelho de Vila Verde ao de Amares



BIBLIOGRAFIA

Para a elaboração deste livro, forneceram elementos, entre outros, os seguintes trabalhos:

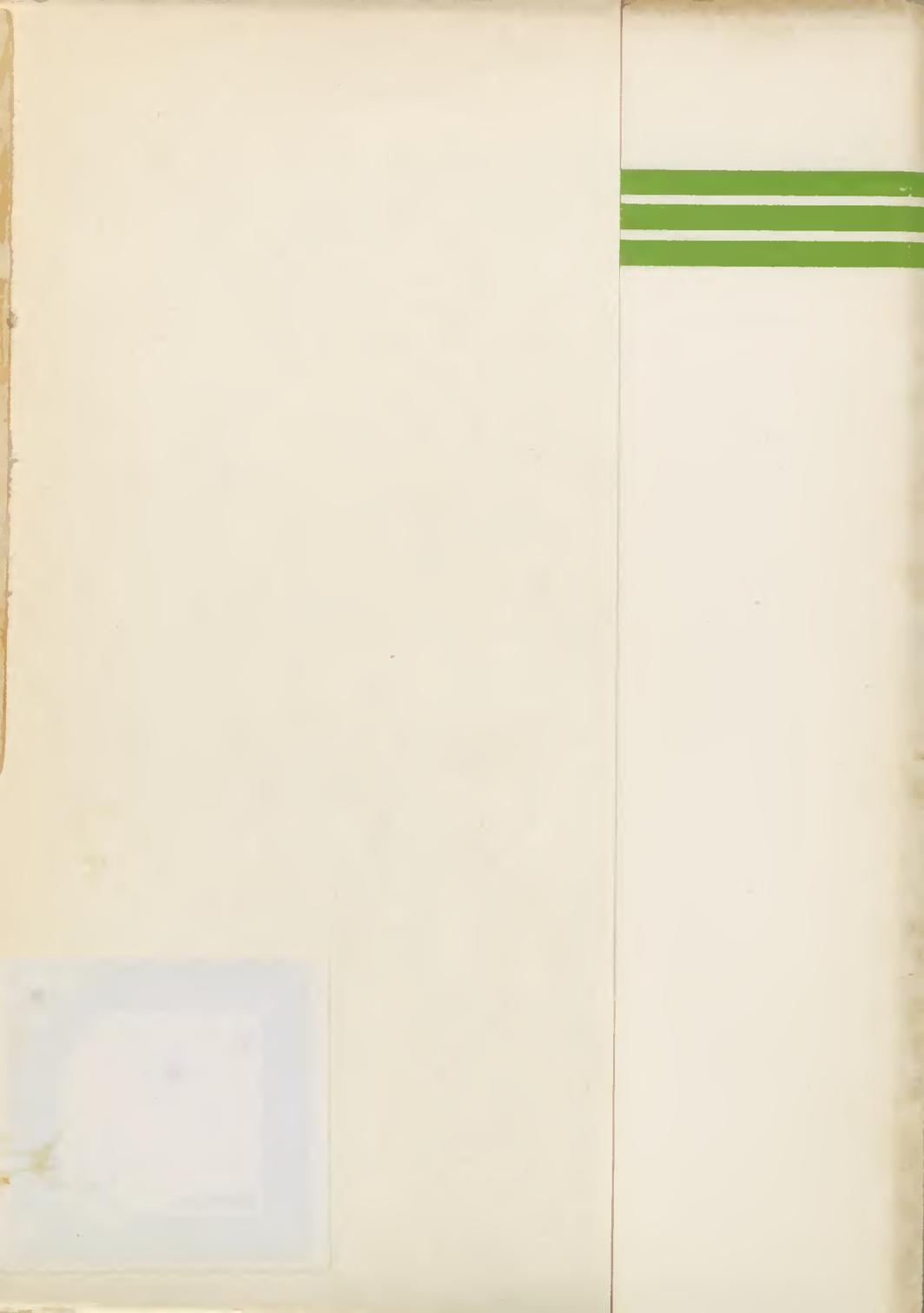
- Corografia Portuguesa*, P.º Carvalho da Costa.
Portugal Antigo e Moderno, Pinho Leal.
Minho — Dossel de Portugal, Armindo de Faria.
Monografia do concelho de Vila Verde, Correia de Azevedo.
Santuário Mariano, Frei Agostinho de Santa Maria.
Silva Minhota, Leonídio de Abreu.
A Vila de Prado, Leonídio de Abreu.
Dicionário Popular, Pinheiro Chagas.
Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.
Minho Pitoresco, José Augusto Vieira.
O Couto de Moure, P.º Arlindo R. da Cunha, in «Acção Católica», vol. XXXII.
Dr. Miguel de Valadares, P.º Arlindo R. da Cunha, in «Diário do Minho», 13-XII-48.
Em terra de Anóbrega, P.º Arlindo R. da Cunha, in «Diário do Minho», 4-VII-62 e 17-IX-62.
Santo André de Gondomar, P.º Arlindo R. da Cunha, in «Diário do Minho», 28-XI-62.
S. Vicente da Ponte, P.º Arlindo R. da Cunha, in «Diário do Minho», 29-I-61.
Sant'Iago de Francelos, P.º Arlindo R. da Cunha, in «Diário do Minho», 8-VIII-60.
Santa Eulália de Valões, P.º Arlindo R. da Cunha, in «Diário do Minho», 21-III-63.

ÍNDICE

Apresentação	5
Breve explicação	7
O concelho de Vila Verde	11
Aboim d'Anóbrega	15
Arcozelo	23
Atães	25
Ateães	27
Azões	29
Barbudo	30
Barros	32
Cabanelas	33
Carreiras (S. Miguel)	37
Carreiras (Sant'Iago)	44
Cervães	45
Codesseda	54
Coucheiro	57
Covas	64
Dossãos	66
Duas Igrejas	68
Escariz (S. Mamede)	71
Escariz (S. Martinho)	76
Esqueiros	77
Freiriz	78
Geme	83
Goães	85
Godinhaços	86
Gomide	89
Gondiães	91
Gondomar	93
Laje	97
Lanhas	98

Loureira	99
Marrancos	100
Mós	101
Moure	102
Nevogilde	107
Oleiros	109
Oriz (Santa Marinha)	111
Oriz (S. Miguel)	116
Parada de Gatim	117
Paçô	121
Pedregais	122
Penascals	127
Pico de Regalados (S. Cristóvão)	131
Pico de Regalados (S. Paio)	134
Ponte	143
Portela de Penela	149
Prado (Santa Maria)	151
Prado (S. Miguel)	160
Rio Mau	162
Sabariz	164
Sande	165
Soutelo	166
Travaços	172
Turiz	173
Valbom (S. Martinho)	174
Valbom (S. Pedro)	176
Valdreu	179
Valões	181
Vilarinho	184
Vila Verde	186
Bibliografia	193

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFIC. GRÁF. DA LIVRARIA CRUZ — BRAGA



1083

Biblioteca Municipal
Professor Machado Vilela

VILA VERDE



17593